



BOLETIM ADVENTISTA

ANO XII - N.º 142

OUTUBRO - 1974

SEMANA DE ORAÇÃO NOVEMBRO DE 1974

A família adventista do sétimo dia em todo o mundo une-se de novo nesta época em oração, agradecendo a Deus as Suas contínuas misericórdias, louvando-O pela fé e pela esperança que brilham nos nossos corações e suplicando-Lhe força para viver vitoriosamente neste mundo pecaminoso.

O laço do companheirismo é fortalecido pela oração. Velhos e jovens, abastados e pobres, naturais de todos os continentes, encontram-se em terreno comum quando dobram os seus joelhos diante do Criador.

Este ano, a estrutura das mensagens da Semana de Oração é algo diferente do que tem sido no passado. O título geral é «Reviver com Cristo». A mensagem de introdução foi preparada por Robert H. Pierson, presidente da Conferência Geral, e dá o tom às mensagens que se seguem, as quais foram todas preparadas por Morris Venden, pastor da igreja do Complexo La Sierra, da Universidade de Loma Linda. Confiamos em que o facto de haver um único autor resultará numa continuidade de pensamento que, com a bênção do Espírito Santo, ajudará a igreja a reviver com Cristo.

Ao fazer planos para as reuniões da Semana de Oração, sugerimos que, para as reuniões nocturnas, além da apresentação da mensagem já preparada, se reserve tempo para testemunhos pessoais, oração especial e discussão dos tópicos apresentados. Algumas igrejas podem querer dedicar duas noites a reuniões de testemunhos, duas a oração especial e duas a discussão. No fim de cada leitura preparada, dão-se sugestões para discussão.

Desejamos sinceramente que esta Semana de Oração traga à nossa vida uma duradoura comunhão com o Senhor.

Os Oficiais da Conferência Geral

Reviver com Cristo

Por ROBERT H. PIERSON

Não devemos ficar surpreendidos de ver e ouvir, na fase final da obra, grandes milagres operados por Deus em favor do Seu povo. «Devemos sentir neste movimento a virtude do Espírito de Deus», afirma Ellen White ao descrever os gloriosos dias da chuva serôdia que estão agora diante de nós. «Os enfermos eram curados, e outros milagres eram operados». (*Testemunhos Selectos*, vol. III, págs. 255, 345).

Já abundam os milagres da graça e do poder de Deus. Escravos do pecado são libertados. Necessidades são atendidas. Os doentes são curados. Chegam de mais de um campo relatórios de pessoas que foram ressuscitadas. Veremos, sem dúvida, muitas evidências nítidas e emocionantes do poder de Deus agindo à medida que o fim se aproxima.

No dialecto inglês «pidgin», muito usado no Pacífico Sul (onde me encontro a escrever esta mensagem), há dois termos para descrever a morte — «dead» (morto) e «dead finish» (morto definitivamente). Se uma pessoa está meramente inconsciente e não se sabe verdadeiramente se a vida o deixou, diz-se que está «dead». Porém, se não existem dúvidas de que deixou de viver, então está «dead finish». Dentro da igreja remanescente é um facto triste que alguns estão «mortos» e outros «definitivamente mortos» espiritualmente.

Sendo a minha mensagem esta manhã dirigida aos membros da igreja adventista do sétimo dia em muitas terras, desejo falar das nossas necessidades — e elas são muitas.

Antes de podermos reviver em Cristo devemos compreender que verdadeiramente necessitamos duma nova vida n'Ele. Antes de podermos morrer *para* o pecado temos de compreender que estamos mortos *no* pecado. Geralmente não vamos ao médico para nos tratarmos enquanto não sabemos que estamos doentes. Não nos voltaremos para o grande Dador da vida enquanto não compreendermos que estamos espiritualmente mortos.

Esta não é uma conclusão fácil de conseguir. O coração humano natural revolta-se contra o reconhecimento de culpa e necessidade! É terrivelmente humilhante reconhecer, não apenas que somos imperfeitos, como também pecadores. É ainda mais ignominioso admitir que na nossa força não podemos libertar-nos dos grandes ou pequenos pecados que nos prendem em escravidão.

Se desejamos reviver com Cristo devemos admitir a nossa necessidade. Quando vamos a Cristo e Ele nos diz que somos mornos, em vez de negarmos o testemunho da Testemunha Fiel que nunca se engana, respondamos sem hesitação: «Senhor, se Tu dizes que sou morno, essa é a minha condição real». Se Ele nos diz: «És desgraçado e miserável», respondamos então: «Tens razão, Senhor *Sou* desgraçado e miserável. Necessito desesperadamente de aju-

Boletim Adventista

Publicação mensal da Igreja Adventista
do Sétimo Dia, em Angola

Director e Editor:
Ernesto Ferreira

Proprietária:
Casa Publicadora Angolana, SARL

Redacção e Administração:
Missão Adventista — C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão:
Missão do Bongo — C. P. 2 - Longonjo

Número Avulso 3\$00

Assinatura Anual 30\$00

ANO XII — OUTUBRO de 1974 — N.º 142

da!» Só então pode o poder de Cristo erguer-nos da nossa infeliz condição.

Reconhecimento de Pobreza Espiritual

Quando a Testemunha Fiel diz: «Tu és pobre!» reconheçamos a nossa pobreza espiritual. Só então poderão ser nossas as riquezas da fé em Cristo Jesus. Quando Ela diz: «És cego e nu!» sabe o que está a dizer. Podemos responder apenas: «Sim, Senhor, não tenho compreendido a minha verdadeira condição. Eu *estou* nu. Tu sabes melhor do que eu!» Quando sentimos a nossa cegueira e a nossa nudez há esperança e recursos para nós. O colírio do discernimento espiritual dá-nos a possibilidade de ver o caminho de Deus abrir-se na nossa frente: a imaculada veste da justiça de Cristo pertence-nos, cobrindo a nossa vergonha espiritual e permitindo-nos comparecer na presença do próprio Grande Juiz. Isto é verdadeiro arrependimento, e o arrependimento deve existir antes de podermos reviver com Cristo!

Ganhamos força reconhecendo a nossa fraqueza. Recebemos sabedoria confessando a nossa ignorância. Obtemos o ouro da fé quando admitimos que estamos completamente falidos. A total aceitação diante de Deus só nos pertence quando, sem reservas, nos prostrarmos diante d'Aquele que é o único justo e confessamos a nossa miserável injustiça.

Não pode haver nenhuma ambiguidade, nenhuma argumentação, nenhuma busca de alguma maneira mais fácil, menos traumatizante de reviver com Cristo. Há apenas um caminho. Não é um caminho fácil, porque é o caminho da morte e a morte nunca é fácil, especialmente quando é a morte da cruz. Esta é a experiência de que Paulo escreve: «Estou crucificado com Cristo» (Gál. 2:20).

Tu e eu devemos estar mortos — «dead finish» (mortos definitivamente) — para o pecado. Isto é o princípio duma verdadeira renovação, dum verdadeiro reavivamento. O reavivamento tem de despertar-nos antes de podermos reviver com Cristo. Com

Deus não pode haver «jogos de brincar»: Trata-se duma experiência real!

Esta experiência de reavivamento trará consigo confissão sincera — confissão do pecado a Deus e confissão das faltas aos nossos semelhantes (Tiago 5:16). Morris Venden tratará este importante aspecto da vida cristã nas suas mensagens práticas desta semana.

Reviver com Cristo não é uma experiência emocionalmente vazia ou transitória. É uma experiência rica, duradoura, que se desenvolve perfeitamente e cada dia nos aproxima mais da semelhança divina de Jesus. É tornar-nos semelhantes a Cristo na nossa vida de cada dia.

Se alguns de nós têm parado de crescer, se temos falta de maturidade espiritual, se levamos uma vida de desapontamento e derrota, Deus tem algo melhor, algo muito essencial para nós. O apóstolo Paulo fala de alguns cristãos hebreus que, «devendo já ser mestres», ainda necessitam de alguém que lhes «torne a ensinar... os primeiros rudimentos das palavras de Deus» (Heb. 5:12).

Completa maturidade, perfeição completa não se obtém num único salto gigantesco para cima. É um crescimento diário na graça. Se o Senhor nos revelasse todos os nossos maus traços ou tudo o que espera de nós duma só vez, seríamos certamente esmagados. Jesus compreende este perigo, pois uma vez disse aos doze: «Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.»

Tão rapidamente quanto aprendemos as nossas lições na escola de Cristo, assim o Espírito Santo nos revela novas verdades de piedade prática que nos conduzam a novas consecussões na vida cristã. «Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há-de vir, (João 16:13).

Levanta-se um novo perigo quando atingimos uma plataforma espiritual que nós mesmos construímos e cessamos de responder à direcção do Espírito. No plano de Deus, quando o Espírito Santo nos repreende por um pecado (ver vers. 8), também nos lembra que, por meio da habilitadora graça de Cristo, podemos lançar fora esse pecado.

Esperamos que homens e mulheres deixem de fumar, de tomar bebidas alcoólicas, de roubar, de matar e de cometer adultério antes de se tornarem membros da igreja. Se esperamos que Deus dê aos membros de igreja a vitória sobre os chamados pecados graves, não será razoável crer que Ele pode, deseja e tem de dar a todos nós a vitória

nas nossas vidas sobre o que preferimos chamar as nossas «fraquezas» ou, no pior dos casos, os nossos «pecadinhos costumeiros»?

Não pode o Deus que dá a vitória sobre o roubo, o homicídio, o adultério e a irreverência, dar também a vitória sobre a censura, a maledicência, a suspeita, o apetite e o amor do mundo — as quais coisas são todas elas tão ofensivas a Deus como os pecados mais manifestos? Ele pode! E quer! E tem de fazê-lo!

Vitória Sobre as Fraquezas

Nos nossos esforços de evangelização citamos certos textos da Bíblia para persuadir os homens e mulheres a deixar de transgredir a lei de Deus e o Seu sábado, para animá-los a deixar de fumar e de beber e, por outro lado, porém as suas vidas em harmonia com as doutrinas da igreja. Ao usar esses textos para os ditos fins não os empregamos mal. São certamente bem aplicados.

«Se Eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado, mas, agora, não têm desculpa do seu pecado» (João 15:22).

«Disse-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas, como agora dizeis: Vemos; por isso o vosso pecado permanece» (cap. 9:41).

«Aquele, pois que sabe fazer o bem, e o não faz, comete pecado» (Tiago 4:17).

Mas, irmãos e irmãs, estas palavras inspiradas também se aplicam a nós como membros da igreja cristã adventista do sétimo dia que ainda nos debatemos sob o fardo do pecado e da culpa. O amor do mundo tem de ser posto de parte se verdadeiramente vamos reviver com Cristo, porque o apóstolo diz: «Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele» (I João 2:15).

Do mesmo modo o Espírito Santo declara: «Pelo que, deixai a mentira, e falai a verdade, cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros.

«Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o Sol sobre a vossa ira. Não deis lugar ao diabo.

«Aquele que furtava, não fure mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade.

«Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem. E não entristeçais o Espírito

Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção. Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia, e toda a malícia, sejam tiradas de entre vós.

«Antes sede, uns para com os outros, benignos, misericordiosos, perdoados-vos uns aos outros, como, também, Deus vos perdoou em Cristo» (Efésios 4:25-32).

Quando Cristo nos conceder a vitória sobre estas dificuldades diárias, só então nós começaremos a viver a vida alegre de paz e vitória que certamente havemos de gozar quando nos libertarmos do pecado. Naturalmente seremos experimentados e provados, mas teremos momento a momento socorro para nos salvar das nossas próprias fraquezas e nos dar a vitória em Cristo Jesus.

«Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados» (II Ped. 2:9).

«Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas, fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes, com a tentação, dará também o escape, para que a possais suportar» (I Cor. 10:13).

«A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo» (II Cor. 12:9).

Quando te sobrevier esta feliz experiência, então estarás pronto para a maior emoção que pode sentir um cristão fervoroso e entusiasta — a de testemunhar a outros do que Cristo fez por ti pessoalmente! Será teu o poder! Será teu o êxito em ganhar almas! Mas o teu testemunho deve ser «quão grandes coisas te fez Deus» (Luc. 8:39). Não basta uma história em segunda mão!

Quando a igreja de Deus entrar completamente na experiência do arrependimento e reforma, quando verdadeiramente revivermos com Cristo, que experiência gloriosa há-de ser! Então e só então poderá Ele conceder-nos o derramamento da chuva serôdia e o alto clamor que abalará o mundo; só então o povo de Deus poderá terminar a obra e apressar a vinda de Jesus!

Meu amigo, não quererás unir-te a mim nesta manhã de Sábado, nesta primeira manhã da Semana de Oração, entregando de novo a Ele a tua vida e pedindo-Lhe que, pela Sua graça e pela Sua força, tu não demores mais a Sua vinda, mas entres naquela relação de amor com Jesus que te transformará num verdadeiro cristão vencedor? Fá-lo neste momento, enquanto o Espírito Santo fala ao teu coração e enquanto o caminhar do Lugar Santíssimo está ainda aberto!

Tristeza que renuncia

Por MORRIS L. VENDEN

«Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento, para a salvação, da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte» (II Cor. 7:10). Como é que realmente nos entristecemos? Que diferença existe entre a tristeza segundo Deus e a tristeza do mundo? Ensinar as crianças a dizer que estão tristes por terem feito mal fará que realmente se sintam tristes para deixar de fazer o mal, de acordo com a maneira como costumamos descrever o arrependimento?

Alguns têm acreditado que uma pessoa tem de se arrepender antes de Deus poder aceitá-la. A verdade é que nós não temos o poder de nos arrepender. Não podemos produzir ou dar origem a esse sentimento. O arrependimento (autêntica mudança mental em face de hábitos pecaminosos) é um dom que nos é dado gratuitamente por Deus. Pedro, falando certa vez de Jesus, disse: «Deus, com a Sua dextra, O elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados» (Actos 5:31). «O arrependimento, não menos que o perdão e a justiça, é dom de Deus, e não pode ser experimentado a não ser que seja concedido à alma por Cristo». — *Mensagens Escolhidas*, liv. 1, pág. 391. A quem dá então Deus o arrependimento? O Senhor não quer «que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se» (II Ped. 3:9). Então o arrependimento é para todos, e todos podem buscar obtê-lo.

Na realidade, chegar ao arrependimento é a mesma coisa que chegar a Cristo. «O Salvador está de contínuo atraindo os homens ao arrependimento; só o que eles precisam é submeter-se ou deixar-se atrair, e o coração se lhes derreterá em compun-

ção». — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 329.

Portanto, o arrependimento é um dom que Deus nos concede *ao mesmo tempo* que nos aproximamos d'Ele, nunca algo que fazemos para podermos ir até Ele. «Muitos se acham confundidos quanto ao que constitui os primeiros passos na obra da salvação. O arrependimento é considerado uma obra que o pecador deve realizar por si mesmo, a fim de poder chegar a Cristo... O pecador não pode produzir em si o arrependimento... A questão que deve ser resolvida é quanto a ser o arrependimento obra do pecador ou dom de Cristo ... O primeiro passo em direcção a Cristo é dado à atracção do Espírito de Deus; ao atender o homem a esse atrair, vai ter com Cristo *a fim de que se arrependa*». — *Mensagens Escolhidas*, liv. 1, pág. 390.

Por outras palavras, embora o arrependimento seja um dom de Deus, temos que fazer algum esforço para recebê-lo. Temos que reconhecer a nossa necessidade e responder ao Seu convite. Mas como é que se responde ou, nas palavras de Pedro, «vem ao arrependimento»? Há quem pense que é dirigindo-se ao púlpito ou indo à frente da igreja. Alguns pensam que é indo a um homem, o pregador. Outros pensam que é chegando à resolução de não voltar a fazer determinadas coisas. Há muitas ideias sobre o que quer dizer ir a Cristo, mas a verdade é que ir a Cristo significa ir a Ele por intermédio da Sua Palavra e da oração, na nossa grande necessidade.

Se um apelo leva até à frente da igreja um grupo de pessoas que não sabem o que significa depois desse apelo irem elas pró-

prias a Cristo, sobre os seus joelhos, no seu quarto, no dia seguinte e no outro ainda, tais pessoas não vão a Cristo por muito tempo. Ir a Cristo não é uma experiência mais profunda do que a nossa própria vida devocional particular. A maneira como hoje se vai a Ele é colocando-nos perante a Sua Palavra aberta e sobre os nossos joelhos, com profundo sentimento de necessidade e fraqueza que Ele próprio nos inspira se tão-somente Lho permitirmos. Esta experiência resulta em arrependimento porque «o conhecimento do plano da salvação levá-lo-á (o pecador) ao pé da cruz, arrependido de seus pecados, que causaram os sofrimentos do amado Filho de Deus ... É quando O contemplamos, quando a luz do Salvador incide sobre nós, que vemos a pecaminosidade de nosso coração». — *Aos Pés de Cristo*, págs. 27 e 28.

Deus Aceita Livremente

Em Romanos 2:4 lemos da benignidade de Deus em aceitar as pessoas que se chegam a Ele. Paulo diz neste texto: «Não reconheceis a longanimidade, a paciência, a bondade de Deus? É a Sua benignidade que vos leva a sentir tristeza, que produz uma reacção de arrependimento». Os judeus do tempo de Jesus não eram capazes de ver este amor. Conheciam apenas um Deus severo, não disposto a receber livremente os pecadores. Conheciam o arrependimento mais como uma modificação das suas vidas, como algo que podiam fazer para merecer a salvação, do que algo resultando duma relação pessoal com Deus. Pensavam que tinham de modificar a vida de modo a se aproximarem de Deus, em vez de irem a Deus a fim de que Ele pudesse modificá-lhes a vida.

Para podermos conhecer a bondade e benignidade de Deus, precisamos de estudá-la e contemplá-la continuamente. Não há outro caminho. Podemos ouvir falar dela no púlpito ou na Escola Sabatina, mas isso é uma vez por semana ou ainda menos frequentemente. Para podermos arrepender-nos diariamente precisamos de contemplar e compreender a bondade de Deus diariamente. Se formos reglígentes neste assunto, ele desaparecerá gradualmente do nosso espírito, tal como acontece com a recordação dos nossos amigos quando es-

tão ausentes. Portanto a nossa compreensão da bondade de Deus está na proporção do nosso estudo e meditação sobre a Sua Pessoa. E «a cada passo para a frente em nossa experiência cristã, nosso arrependimento se aprofundará.» — *Actos dos Apóstolos*, pág. 561.

Escutemos novamente as palavras de Jesus: «O que vem a Mim, de maneira nenhuma o lançarei fora» (João 6:37). «Quem está desejoso de se tornar verdadeiramente arrependido? Que deve ele fazer? — Deve ir ter com Jesus, tal qual está, sem demora.» — *Mensagens Escolhidas*, liv. 1, p. 393

«Alma abatida, toma ânimo, embora tenhas obrado impiamente. Não penses que Deus talvez te perdoe as transgressões e te permita ir à Sua presença ... Envolva em Seus braços de amor a alma ferida e quebrantada, prestes a perecer.» — *Parábolas de Jesus*, págs. 188, 189. Nunca esquecerei como me senti excitado quando esta verdade despontou pela primeira vez no meu espírito — que Deus aceita sempre qualquer que se aproxima d'Ele, independentemente do que tenha feito, onde tenha estado, ou quanto tenha sabido ou não sabido. Quem quer que seja — em qualquer lugar, em qualquer momeno — quem vá a Jesus é sempre, sempre, recebido. Nunca esqueçamos isto.

O diabo não o pode esquecer. É por isso que procura continuamente convencer-nos de que é falso. Procura levar o pecador a pensar que há um ponto no qual Deus não o aceitará mais, que foi longe demais, que já não há mais possibilidade. Então a pessoa desiste e não vai, e isto acontece com demasiada frequência! É um triste reconhecimento do êxito do inimigo em apresentar um Deus que é apenas severo e julgador.

Deus não está interessado em ver quantas pessoas pode impedir que entrem no céu. Ele procura ver quantas pode fazer lá entrar! Escutemos! «Aceita francamente aqueles cuja maneira de proceder mais ofensiva Lhe tem sido; quando se arrependem, comunica-lhes o Seu divino Espírito, coloca-os nos mais altos postos de confiança e envia-os ao acampamento dos desleais, para Lhe proclamarem a ilimitada misericórdia». — *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 612, 613.

Lembremo-nos de que uma das grandes diferenças entre a tristeza segundo Deus e a tristeza do mundo é a diferença entre estar triste por havermos pecado contra uma pessoa (Jesus Cristo) e estar tristes por havermos pecado simplesmente contra uma lei ou conjunto de regras. A tristeza genuína envolve sempre uma pessoa. É por isso que tu e eu devemos familiarizar-nos com Jesus, uma Pessoa, todos os dias. Só assim poderemos compreender o genuíno arrependimento: ele vem como um dom espontâneo e naturalmente, quando conhecemos Jesus como o nosso melhor Amigo. Quando eu tenho feito algo que sei haver ferido o coração de Jesus, e então reconheço que Ele ainda me aceita quando me dirijo novamente a Ele tal como estou, isso tem um efeito suavizante e transformador no meu próprio coração.

O meu pai acreditava na disciplina. O meu irmão e eu precisávamos dela, tenho a certeza. Mas o que é interessante é que não me lembro das pancadas que apanhei. Suponho que seja porque, de cada vez que elas eram necessárias, eu sabia sempre que o coração do meu pai sofria mais do que o meu. Eu tinha mais pena dele do que das dores que sentia. Mas o castigo maior que recebi, aquele de que me lembro, foi uma vez que o meu pai nem sequer me tocou. Ele tinha experimentado tudo, sem nenhum resultado. E então já não sabia o que fazer. Vi ali o meu pai, grande e forte, em lágrimas de desespero. De repente, lembrei-me de todas as boas coisas que ele tinha feito por mim e pensei na ingratidão que em troca lhe tinha dado. A pancada eu podia aguentar, mas aquilo não!

E Pedro também não pôde! Uma noite esteve em jogo o destino de dois homens — o de Judas e o de Pedro. Judas, durante aqueles três anos, nunca se aproximara de Jesus, mas com Pedro o caso era diferente. Ainda que mais velho, não se havia detido. Ele amava Jesus.

Naquela fatídica noite, Judas selou o seu contrato e a lealdade de Pedro foi provada. Ao pé do fogo, Pedro começou a jurar e a praguejar. No meio dos seus juramentos fixaram-se-lhe os olhos subitamente na face de Jesus. Aquilo que viu não pode ser reproduzido. Naquele rosto havia desapontamento e dó, mas também aceitação. Há grande diferença entre desapontamento com aceitação e um olhar de orgulho ferido e rejeição.

Pedro compreendeu bruscamente que a sua negação de Cristo fora o maior golpe recebido por Jesus naquela noite. Então a

sua mente foi iluminada por uma multidão de recordações. Lembrou-se da paciência e longanimidade de Jesus em face da sua impetuosidade. Lembrou-se de como Jesus o salvara das estrondosas ondas naquela noite no lago. Lembrou-se de como Jesus o tinha socorrido quando estava em dificuldade com o dinheiro do imposto do Templo. Lembrou-se de como Jesus lhe havia dito momentos antes: «Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos tirando como trigo; mas Eu roguei por ti» (Luc. 22:31, 32).

«Eu roguei por ti!» Aquilo Pedro não pôde suportar! Fugiu do pátio de Caifás, saiu pela porta da cidade, desceu a encosta e atravessou o ribeiro para o jardim do Getsêmane. Ali lançou-se com o rosto em terra e sentiu desejo de morrer. Isto, querido amigo, é arrependimento genuíno. Enquanto Judas morreu realmente naquela noite pelo remorso e temor do juízo futuro, Pedro *desejou poder morrer* por haver ferido o coração do seu melhor Amigo. Quando tu e eu tivermos experimentado esta espécie de tristeza pelo pecado, então teremos recebido o dom do arrependimento que Jesus oferece livremente a todos os que «vão» até Ele. Então seremos cheios do desejo de conhecer a Sua presença e poder, de maneira tal que não possamos mais decepcioná-l'O. Tal é a atmosfera em que se modifica a nossa vida. Em experiências semelhantes, desfrutadas diariamente, se vive uma vida de vitória sobre o pecado.

Perguntas para Discussão

O arrependimento é uma experiência que ocorre uma vez ou é uma experiência diária?

Se o arrependimento é um dom, que queria Pedro dizer quando mandou à multidão que se arrependesse? Era alguma coisa que eles pudessem fazer?

Que tem o Espírito Santo que ver com o verdadeiro arrependimento, a verdadeira tristeza pelo pecado? (*O Desejado de Todas as Nações*, págs. 220, 221).

Podemos orar pelo arrependimento? (*Aos Pés de Cristo*, pág. 28).

Como podemos saber se o nosso arrependimento é real? (*Ibid.*, pág. 40).

Haverá alguma vantagem na confissão sem arrependimento?

De que precisa arrepender-se Laodiceia? Quem são aqueles que não precisam de arrependimento? (Luc. 15:7).

Discutir *Parábolas de Jesus*, pág. 189.

Como saber se estamos «salvos» agora

M. L. VENDEN

Está o irmão salvo? Alguns membros da igreja parecem ter a ideia de que é um pouco pecado acreditar que estamos salvos. A Bíblia não deixa nenhuma incerteza desse gênero. Com efeito, em Hebreus 6:11, Paulo fala de «completa certeza», e no capítulo 10, versículo 22, de «inteira certeza de fé». Devemos ter a certeza? Ou devemos andar suspensos das nossas dúvidas até à vinda de Jesus, na incerteza de estarmos ou não salvos?

Devido à discussão que frequentemente se levanta dentro da nossa igreja sobre este assunto, foi publicado recentemente um pequeno livro sobre a referida matéria. Definamos o problema citando dois parágrafos desse livro que se intitula *Reavivamento e Seus Resultados*. «Jamais devemos repousar num estado de satisfação, e deixar de fazer progresso, dizendo: 'Estou salvo'. Se é entretida esta ideia, deixam de existir os motivos para a vigilância, a oração, o esforço sincero em seguir para a frente, rumo de consecuições mais elevadas. Nenhuma língua santificada será encontrada pronunciando essas palavras antes que venha Cristo, e entremos pelas portas da cidade de Deus. Então, com a maior propriedade, poderemos dar glória a Deus e ao Cordeiro, pelo livramento eterno. Enquanto o homem estiver carregado de fraquezas — pois por si mesmo não pode salvar a alma — não deve nunca atrever-se a dizer: 'Estou salvo'. Não é aquele que se reveste da couraça que pode orgulhar-se da vitória, pois tem ele pela frente a batalha, e a vitória a ser alcançada. É o que *persevera* até ao fim, que será salvo». — Pág. 43.

Resalta imediatamente que este parágrafo adverte contra dizer-se hoje que seremos salvos *quando Jesus vier*. O problema aqui envolve a teoria «uma vez salvo, salvo para sempre» que acaba por ser «graça a baixo preço» e que portanto não salva. Os defensores dessa teoria dizem que não há que fazer nada, que Cristo fez tudo e que são salvos a partir do momento em que «vêm ao arrependimento» (II Ped. 3:9), sem qualquer dependência do que quer que façam ou deixem de fazer. Mas repetidas vezes a Bíblia nos indica que o homem deve

negar-se a si mesmo e tomar *diariamente* a sua cruz. A salvação é uma experiência contínua. A salvação não é uma aceitação que tenha lugar apenas uma vez, do mesmo modo que não o é tão-pouco o casamento.

Mas ainda que eu não possa neste momento dizer que estarei salvo quando Jesus vier, será também errado dizer que estou salvo *hoje*? Será possível ao cristão saber a certeza da sua experiência com Cristo *agora*, de maneira que se Jesus devesse vir hoje, ele estaria certo da sua salvação? Há uma grande diferença entre dizer: «Estarei salvo quando Jesus vier» e: «Sei que estou hoje numa relação salvadora com Cristo». Quando falamos sobre como saber se estamos salvos *agora*, queremos dizer precisamente isso — *agora!*

Oito Maneiras de Saber

Notemos oito pontos ou maneiras pelas quais podemos ter a certeza de estar salvos *agora*.

1. A Bíblia é muito clara ao afirmar que ninguém pode ver o reino de Deus sem ter nascido de novo (João 3:3). Portanto não há salvação sem novo nascimento. Agora, o que significa nascer de novo? A experiência do novo nascimento é uma obra sobrenatural do Espírito Santo, pela qual a mente do homem é renovada, e «os pensamentos e desejos são postos em obediência à vontade de Cristo» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 124).

Aqui enfrentamos um problema porque alguns cristãos dizem: «Nunca poderei referir-me a uma experiência do gênero da de Damasco, em que eu tenha sido cegado por uma explosão de luz, portanto não posso saber de certeza que estou convertido». A pessoa que cresceu num lar cristão pode ter um problema neste sentido. Ela dirá: «Não me posso lembrar de nenhum momento em que hoje não estivesse convertido e amanhã já estivesse. Tudo foi imperceptível. Tanto quanto me lembro, sempre amei a Jesus». Sentimos então a necessidade de evidências mais espetaculares que nos mostrem que nascemos de novo.

2. A principal evidência de que nascemos de novo é ser Jesus o centro e o foco da nossa vida. O texto de I João 5:12 diz-nos que «quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.» Se quiséssemos reduzir todos os oito pontos a um apenas, encontrá-lo-íamos em João 17:3: «E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste». Portanto, na sua forma mais simples, a pergunta se estou ou não salvo hoje faz-se melhor da maneira seguinte: «Conheço Deus?» Em *Aos Pés de Cristo*, um pequeno livro que tanto tem significado para muitas pessoas, há a indicação de dois testes decisivos que nos ajudam a saber se estamos ao lado de Deus. Em *quem* gostais de pensar? De *quem* gostais de falar? (Ver pág. 61.)

O problema é que no *comportamento* ou religião legalística podemos muitas vezes viver uma vida correcta por razões diferentes das cristãs. Um comerciante pode viver uma vida correcta para atrair a clientela da comunidade cristã. Podemos viver uma vida correcta por gostarmos de ter uma boa reputação. Podemos viver uma vida correcta por termos sido educados assim e acharmos difícil romper com o hábito. Ou podemos viver uma vida correcta por receio de fazer coisas erradas. Pressões familiares ou uma infinidade de razões podem condicionar o nosso comportamento exterior.

Põe-se então a questão: como podemos *saber*? O livro *Aos Pés de Cristo* atinge o interior a partir do exterior. Em *quem* gostamos de pensar? De *quem* gostamos de falar? «De quem» e não «de quê». Há uma grande diferença entre falar acerca de crenças ou teorias e falar acerca de «quem» — Jesus, Deus — e das relações com Ele por intermédio do Espírito Santo. Se temos o Filho, temos a vida. É simples desta maneira. Tens Cristo hoje?

3. Há um profundo interesse na Palavra de Deus, a Bíblia. Uma das coisas mais extraordinárias que podem acontecer na vida duma pessoa que apenas conheceu o que é ser escravo da natureza pecadora, é tomar consciência, repentinamente ou talvez a pouco e pouco durante um período mais longo, de que já tem pela Palavra de Deus um interesse que nunca antes teve. Saber que antes a Palavra de Deus lhe era maçadora, mas que agora é diferente! Antes eram apenas palavras, como num dicionário, mas agora tornam-se vivas e cheias de grande interesse. O que é isto? É a evidência da obra sobrenatural do Espírito Santo no novo nascimento. Em certo sentido, o novo nascimento é algo que continua a processar-se por toda a vida do cristão. Eis

uma descrição da pessoa convertida, encontrada num livro escrito há anos à nossa igreja: «Cristo é o encanto da sua vida. ... A Palavra de Deus, anteriormente pesada e desinteressante, é agora escolhida como estudo.» — *Testemunhos Selectos*, vol. I, pág. 253.

Em I Pedro 2:2 lemos que, como crianças recém-nascidas, desejaremos o leite puro da Palavra. Portanto o interesse profundo pela Bíblia é uma das características da pessoa que pode estar certa da sua salvação agora.

4. A vida de oração torna-se significativa. Se o texto de João 17:3, sobre o conhecimento de Deus, é básico para determinar se estamos salvos ou não agora, então desejaremos comunicar com Deus. A oração toma um sentido novo como o meio de comunicar com Deus. «Eu não desonraria o meu Mestre a ponto de admitir que uma pessoa descuidada, frívola e que não ora possa ser um cristão». — *Spiritual Gifts*, vol. 2, pág. 257. Se não fosse a oração não haveria nenhuma comunicação. Se não houvesse nenhuma comunicação, não haveria nenhum relacionamento. Se não há nenhum relacionamento, não há nenhum cristianismo. É tudo muito simples.

Experiência diária

5. Há uma experiência *diária* nas coisas de Deus. Lucas 9:23: «Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, e tome... a sua cruz». Quantas vezes? «Cada dia... e siga-Me.» Isto é um relacionamento no tempo presente. Quem segue a Jesus não faz confiança em alguma coisa que lhe tenha acontecido há dois anos na praia ou na oficina de serração há cinquenta anos. Confia em Jesus duma maneira pessoal e diária. «Ninguém pode viver uma vida cristã sem ter uma experiência diária nas coisas de Deus e sem praticar diariamente a abnegação, carregando alegremente a sua cruz e seguindo a Cristo.» — *Testimonies*, vol. 9, pág. 505.

6. Verificamos que, sem o poder do Espírito Santo, somos impotentes em face do pecado. Quando uma pessoa entra na atmosfera da presença do Deus acontece alguma coisa ao conceito que tem de si mesma. Os sentimentos acerca da sua própria pessoa mudam radicalmente. Isaías descreve bem esta modificação. Na presença de

Deus, alto e sublime, a única coisa que pôde dizer foi: «Ai de mim, que vou perecendo! porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios: e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!» (Isa. 6:5).

Quando alguém está na presença de Deus, sente a sua própria insuficiência. Verifica que é um pecador. «Estais em Cristo? Não, se não vos reconheceis pecadores condenados, errantes, desamparados. Não, se exaltais e glorificais o próprio eu. Se algum bem existe em vós, é totalmente devido à misericórdia de um Salvador compassivo. O vosso nascimento, a vossa reputação, a vossa fortuna, os vossos talentos, as vossas virtudes, a vossa religiosidade, o vosso altruísmo, ou tudo o mais que em vós exista ou se relacione convosco, não chegará para formar um laço de união entre a vossa alma e Cristo. A vossa ligação com a igreja, a maneira como os irmãos vos consideram, não terá nenhum valor se não credes em Cristo. Não basta crer *acerca* d'Ele; é preciso crer *n'Ele*. Deveis confiar inteiramente na Sua graça salvadora». — *Ibid.*, vol. 5, pág. 48. Assim, um dos testes para determinar se tenho agora a certeza da salvação é se prontamente admito que sou, sem a ajuda poderosa do Espírito Santo, um pecador errante e desamparado.

7. Temos paz interior. Isaías não ficou rastejando na presença de Deus, aterroizado e chafurdando na lama. Ao contrário, Deus fê-lo erguer-se em santa alegria e enviou-o como representante Seu. O cristão genuíno, portanto, conhece a paz e alegria de ser desejado por Deus — os frutos do Espírito. Estes são os *primeiros* frutos do Espírito. Quando uma pessoa vai a Cristo e O aceita e experimenta o novo nascimento, o primeiro sintoma é uma paz interior que nada pode destruir enquanto estiver com Cristo. Os escritores bíblicos destacam essa paz maravilhosa: «Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo» (Rom. 5:1). «Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz» (Gál. 5:22). «Une-te, pois, a Ele, e tem paz» (Job 22:21). «O perfeito amor lança fora o temor» (I João 4:18). Não te sentes alegre por isso? Uma das evidências de que és uma pessoa salva, nascida de novo, é que normalmente não precisas de tranquilizantes para dormir.

E, finalmente: 8. O cristão deseja testemunhar. Aquele que sabe que tem paz com Deus e que pode afirmar que está hoje salvo é alguém que terá uma grande preocupação em dizer aos outros que Jesus é

um Amigo maravilhoso. Sabeis como se pode avaliar uma igreja? Sabeis como se pode saber se uma igreja é espiritual ou apenas um grupo de pessoas de moral convencional? Sabeis como se tira a temperatura espiritual duma congregação? Verificando até que ponto o testemunho cristão é real e vibrante nessa igreja. «Tão depressa uma pessoa se chegue para Cristo, nasce-lhe no coração o desejo de revelar aos outros que precioso amigo encontrou em Jesus. A verdade que salva e que santifica não pode ficar encerrada no coração. Se nos achamos revestidos da justiça de Cristo... não nos será possível calar-nos... Teremos alguma coisa a dizer.» — *Aos Pés de Cristo*, pág. 84.

Em conclusão, podemos ter a certeza da nossa salvação? Deixemos responder o apóstolo Paulo: «Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho..., e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos, com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé, tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa. Retenhamos, firmes, a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu» (Heb. 10:19-23).

Sinto-me grato por podermos dizer hoje que, se conhecemos a Deus, estamos salvos. E, se continuarmos a conhecer a Deus hoje e amanhã e no dia seguinte, até à vinda de Jesus, estaremos salvos também nessa altura. Ponhamos de parte a nossa incerteza. Se estiveres olhando para Jesus, confiando no Seu amor e nas Suas promessas, podes ter a certeza de que a tua salvação é válida! É verdadeira! É real! Estás salvo — por agora!

Perguntas para Discussão

Porque acham os cristãos muitas vezes difícil falar de Jesus?

Deverá a experiência pessoal com Cristo ser um assunto privado?

Se não tenho prazer em ler a Bíblia, quer isto dizer que não estou convertido?

Por quanto tempo pode uma pessoa negligenciar a sua vida devocional diária antes de perder o seu relacionamento com Deus?

Por quanto tempo pode uma pessoa negligenciar a comunicação com o seu marido ou a sua mulher antes que essa relação desapareça?

O perfeito amor que lança fora o temor é o meu ou o de Deus?

Crescer ou morrer

M. L. VENDEN

Ontem verificámos que podemos saber se estamos salvos *agora*. Vimos que não é errado ter a certeza da nossa salvação em termos das nossas relações com Cristo *hoje*. A atitude contra a qual somos prevenidos é a de ser presunçosamente confiantes quanto ao futuro. Embora não haja lugar para a teoria de «salvo uma vez, salvo para sempre», é importante ter a certeza da nossa relação com Deus hoje e da nossa salvação *hoje*.

Mencionámos oito pontos pelos quais o podemos saber.

Mas alguém dirá: «Eu tive menos de oito». Outro dirá: «Eu tive apenas cinco. Com quantos valores se passa?» *Esta* incerteza pode levar a um problema. Quando falamos de ter a certeza que a nossa relação com Deus é válida, corremos um risco. O risco é de que aqueles que sintam não preencher os tais oito pontos possam desanimar ou comecem a trabalhar nos oito pontos. Ambas as coisas podem ser desastrosas. Por outro lado há o risco de não falar acerca das maneiras como podemos ter a certeza da nossa relação com Deus e acabar por ter, não apenas incerteza, mas cegueira e ilusão sobre a nossa condição real.

Lembremo-nos de que é necessário tempo para produzir fruto. Assim é também com os frutos do Espírito. Lembremo-nos, igualmente, de que não produzimos fruto trabalhando no fruto. «As preciosas graças do Espírito não se desenvolvem num momento». — Ellen G. White, em *Review and Herald*, 28 de Abril de 1910. Uma pessoa pode ter aceitado hoje a Cristo sem muita evidência dos frutos do Espírito.

Estudemos cuidadosamente a importância de crescer e o que é que provoca o crescimento. Sabemos como é fútil procurar crescer fazendo força para crescer. Ao mesmo tempo temos na Palavra de Deus a ordem de que devemos crescer. Espera-se que haja desenvolvimento, progresso, melhoramento na vida cristã. Jesus esclareceu bem, pelas Suas ilustrações tiradas da natureza, que se não crescermos, vamos morrer. E Pedro volta a destacar este princípio com a familiar afirmação: «Crescei na graça e

conhecimento do nosso Senhor, Jesus Cristo» (II Ped. 3:18).

A germinação da semente representa o princípio da vida espiritual e o desenvolvimento da planta ilustra o crescimento cristão. «Como ocorre na natureza, assim é na graça; não pode haver vida sem crescimento. A planta precisa crescer ou morrer.» — *Parábolas de Jesus*, pág. 65. É impossível fazer reviver uma planta que morreu.

A minha mulher trouxe para casa duas roseiras. Plantámo-las no melhor terreno. Experimentámos dar-lhes muita água. Nenhuma delas cresceu. Finalmente, quando parecia que tinham morrido, transplantámos uma delas para um local que talvez fosse melhor. Começou a crescer e ficámos entusiasmados! Transplantámos também a outra, mas essa estava morta. Pusémo-la dentro de água e fizémos tudo o que sabíamos fazer. Nada aconteceu. Era impossível fazê-la reviver.

Em Marcos, Jesus falou acerca da semente e do crescimento: «O reino de Deus é assim como se um homem lançasse semente à terra, e dormisse, e se levantasse de noite ou de dia, e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como» (cap. 4:26, 27). A minha mulher e eu descobríamos todas as manhãs mais umas poucas folhas na nossa roseira. Que emoção! Maravilhoso poder de Deus! Não sei como é. Sabeis vós? «Porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga» (vers. 28).

Jesus continuou: «É como um grão de mostarda» (vers. 31). Pequeno. Quando se semeia na terra é mais pequeno do que todas as sementes, mas uma vez semeado cresce e torna-se maior do que todas as plantas e lança grandes ramos, de modo que as aves que voam podem abrigar-se à sua sombra. Assim é na vida espiritual; não sabemos como, mas sabemos alguma coisa dos elementos que favorecem o seu crescimento e da atmosfera, o ambiente natural, no qual o fenómeno se processa espontaneamente.

Agora, seria naturalmente muito grave para uma pessoa dizer: Tenho cinco desses oito pontos que provam que tenho uma relação salvadora com Deus e vou trabalhar nos outros três. Recordemos quando Jesus disse: «Olhai para os lírios do campo, como eles crescem» (Mat. 6:28). Como crescem os lírios? Certamente não devido «aos seus próprios cuidados, nem às suas preocupações». Tão-pouco vós podereis fazê-lo. O único modo como tu e eu podemos crescer é recebendo aquilo que contribui para a vida — ar, sol terra, água. (Ver *Aos Pés de Cristo*, pág. 72.)

Espiritualmente, o que é o ar? O livro *Aos Pés de Cristo* descreve um fenómeno estranho. (Parece mesmo fantástico se realmente pensamos no assunto). «Pelo dom incomparável do Seu Filho, Deus rodeou o mundo inteiro de uma atmosfera de graça, tão real como o ar que circula em redor do globo.» Podeis penetrar no sentido profundo destas palavras? Eu não sou capaz. A única coisa que posso fazer é aceitá-las. Que afirma esta declaração? Qualquer coisa no sentido de que Deus está tão interessado em nos ter a todos salvos no Seu reino que a própria atmosfera está carregada do Seu interesse e desejo da nossa salvação. «Todos os que consentem em respirar essa atmosfera vivificante hão-de viver e crescer até à estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus.» — *Ibid.*, pág. 73. Gosto deste pensamento. Gosto da garantia dessa atmosfera. E tu? Mas tenho que decidir-me a respirar a atmosfera vivificante do amor de Deus e da Sua graça.

Sol? Sim, precisamos de sol; mas de que espécie? Malaquias refere-se ao «Sol da Justiça» (Mal. 4:2). «Porque o Senhor Deus é um sol e escudo: o Senhor dará graça e glória» (Salmo 84:11). E Jesus disse claramente: «Eu sou a luz do mundo» (João 8:12).

A terra. O que é isso? «Como a planta se enraiza no solo, devemos também arraigar-nos profundamente em Cristo. Como a planta recebe o sol, o orvalho e a chuva, também devemos abrir o coração ao Espírito Santo». — *Parábolas de Jesus*, pág. 67. Assim Cristo, mediante o Seu Espírito Santo, nos transmite a Sua vida. Cristo é o ar. Cristo é o sol. Cristo é a terra. Cristo é a água, ministrando através do Espírito Santo. Tudo termina da mesma maneira — Jesus. É por isso que é impossível a uma pessoa salvar-se ou ter qualquer espécie de certeza da sua salvação se Jesus Cristo não for o seu centro focal.

O inimigo sabe isso. O inimigo sabe até que a escada da terra ao céu com que Jacob sonhou é Cristo e que procurar subir a escada como Pedro sugeriu (II Ped. 1:5) envolve Cristo, por isso a última esperança de Satanás consiste em conservar a nossa atenção distraída de Jesus. Ele não quer que O contemplemos. É por isso que Ele fará tudo o que puder para nos desviar duma vida devocional significativa, para nos desviar da Palavra de Deus.

O método favorito de Satanás é levar-nos a fixar a atenção em nós mesmos. A pessoa concentrada em si mesma é uma pessoa morta. «Na vida que se centraliza no eu não pode haver crescimento nem frutificação. Se aceitastes a Cristo como Salvador pessoal, deveis olvidar-vos e procurar auxiliar os outros. Falai do amor de Cristo, contai de Sua bondade.» — *Ibid.*, págs. 67, 68.

Devemos acautelar-nos contra tudo o que possa distrair a nossa atenção da fonte do nosso crescimento. Se estivermos crescendo, se Cristo for o foco e o centro da nossa vida, então a nova natureza que nasceu vai florescer. A velha natureza vai ser subjugada. A luz que incide sobre a nossa vereda brilhará «mais e mais, até ser dia perfeito» (Prov. 4:18). Aparecerá mais luz. Assim cresce a pessoa cujo centro focal é Cristo; ela aceita a verdade à medida em que esta lhe é revelada, em vez de se fixar obstinadamente naquilo em que foi limitada desde a sua meninice. Continua a abrir-se para nova luz e nova verdade.

Crescimento pelo Trabalho

Há também uma estreita relação entre crescimento cristão e testemunho cristão: «A única maneira de crescer na graça é fazer com interesse o próprio trabalho que Cristo nos encarregou de fazer — empenhar-nos interessadamente em toda a medida da nossa capacidade em ajudar e beneficiar aqueles que necessitam da ajuda que lhes possamos dar. [Estamos nós a fazer tanto quanto poderíamos nesse aspecto?]]» — *My Life Today*, pág. 103. «Muitos estão desejando crescer na graça; oram sobre o assunto, e admiram-se de que as suas orações não sejam atendidas. O Mestre deu-lhes um trabalho para fazer, por intermédio do qual hão-de crescer. De que serve orar quando há necessidade de trabalhar? A questão é: Estão eles buscando as almas por quem Cristo morreu? O crescimento

cristão depende de transmitir a outros a luz que Deus nos tem dado... Falai do amor de Jesus; dizei da Sua bondade, da Sua misericórdia, da Sua justiça; e deixai de vos preocupar se estais crescendo ou não.» — *Ibid.* Não é interessante? Portanto, mais tarde ou mais cedo, ao falardes de crescimento cristão, ver-vos-eis face a face com o problema do testemunho cristão.

Finalmente, se Cristo é o centro do nosso crescimento e a sua causa, o seu princípio e fim, que se poderá dizer do próprio Jesus e do Seu exemplo no crescimento? É muito interessante que Jesus tenha vindo de um mundo de glória onde tinha a adoração dos anjos para nascer como um desamparado bebé em Belém. Sujeito às humanas fraquezas e dependência duma raça enfraquecida por 4000 anos de pecado, como qualquer ser humano, teve que crescer passando pelas diferentes fases da infância, meninice, adolescência, juventude, até à maturidade, do mesmo modo que todos nós.

São as Raízes que Contam. Não o Terreno

De que espécie de terreno dependia Jesus para o Seu crescimento? Recordemos que o terreno de Nazaré não era da espécie mais favorável ao crescimento duma planta rara e bela. Era o mesmo género que se encontra em Las Vegas, Paris, Monte Carlo, Nova Iorque ou Tijuana. Mas do lixo e da lama de Nazaré, que no seu tempo era proverbial, saiu o Lírio do Vale na sua formosa brancura e pureza. «Cristo ... viveu por quase trinta anos entre os ímpios habitantes de Nazaré. Esse facto constituiu uma repreensão para os que fazem depender de lugar, fortuna ou prosperidade o viver uma vida irrepreensível. Tentação, pobreza, adversidade, eis justamente a disciplina necessária para o desenvolvimento da pureza e firmeza.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 49.

Portanto não há que depender do solo da Universidade de Loma Linda ou dos montes de Tennessee para desenvolver a espécie de carácter que Deus deseja que tenhamos. Não é obrigatoriamente o ambiente em que vivemos que conta; é antes se as raízes da nossa alma aproveitaram ou não a extraordinária oportunidade de um companheirismo com Jesus Cristo. «Nosso crescimento na graça, nossa alegria, nossa utilidade — tudo depende da nossa união com Cristo.» — *Aos Pés de Cristo*, pág. 74.

Jesus mostrou que não tem importância em que cidade uma pessoa vive, em que parte do país nasceu, ou quais sejam os seus antecedentes familiares. Já algumas vezes tivemos notícia dos extraordinários exemplos daqueles que cresceram num ambiente pobre e tiveram maus antecedentes e, no entanto, como essa atmosfera que envolve o mundo pode penetrar no seu espírito e eles corresponderem? Algumas das experiências mais emocionantes envolvem pessoas que tiveram um princípio muito pobre. Não se espera muito deles do ponto de vista humano. Mas ouvem a voz de Cristo e respondem. Há alguns dias uma adolescente contou-me dos seus antecedentes que não eram muito bons. Mas sentiu subitamente uma grande necessidade de Cristo e um desejo de ter fé e confiança n'Ele. Eu digo: «Graças a Deus, é isso o milagre!» O mesmo milagre que faz crescer a folhinha da erva, desabrochar as flores. Assim o nosso crescimento, a nossa alegria, a nossa utilidade, tudo depende da nossa união com Cristo. «É pela comunhão com Ele, todo o dia, toda a hora, é permanecendo n'Ele que podemos crescer em graça». — *Ibid.*, pág. 74. E se o não fizermos, morreremos.

Não quero morrer. Não quero parecer-me com a roseira murcha do meu jardim. Quero ser como a outra, com folhagem e bela; gostaria de saber o que significa, não apenas crescer por crescer, mas aproveitando as extraordinárias oportunidades que Deus suscitou para que tal possa acontecer. E tu?

Perguntas para Discussão

O que é essa «atmosfera de graça» que envolve o mundo?

Em que altura aparecem na vida do cristão os frutos do Espírito? Na conversão ou mais tarde?

São os «pecados» a única coisa que nos separa de Deus? (*Aos Pés de Cristo*, págs. 76, 77).

Se uma criança pudesse ocupar-se apenas com uma coisa ou com outra — comer ou crescer — qual delas devia ser? Discutir Hebreus 6:1-6.

Terá a igreja remanescente recebido já toda a luz que tem a receber, ou será ainda possível reconhecer hoje mais luz?

O uso correcto da vontade

M. L. VENDEN

Este tema encerra um paradoxo estranho. É simples e, todavia, para muitos, bastante difícil. Nos dias de Cristo os «bons» rejeitaram o seu impacto, mas os «pecadores» acolheram-no com alegria. Teólogos eruditos, como Lutero e Erasmo, têm debatido e argumentado sobre este tema. Aqueles que o não compreendem, espera-os morte espiritual; aquele, porém, que o compreende, encontra o segredo da vida cristã vitoriosa. A Bíblia relata experiências de homens que passaram muitos anos de provações e problemas antes de conseguirem compreender realmente esta verdade.

Após o dilúvio, Deus prometeu que nunca mais haveria de destruir a terra desse modo. Alguns creram na Sua promessa; outros não. Os que não acreditaram começaram a construir uma torre da terra ao céu, para o caso de Deus não cumprir a Sua promessa. O empreendimento da torre fracassou.

Abraão teve experiência semelhante. Deus conduziu-o a uma terra que haveria de receber como herança; prometeu-lhe também que ele seria pai de uma grande multidão. Ao chegar a Canaã, o povo da região veio dar-lhe as boas-vindas. Quase podemos imaginá-los a conversar:

— «Como se chama?»

— «O meu nome é 'Pai de uma multidão', porque era realmente isto o que o seu nome significava.

— «Oh!», disseram, «o seu nome é 'Pai de uma multidão'! Então, quantos filhos tem?»

— «Bem, ... Não tenho nenhum.» E o povo sorria.

Cumprimentaram então Sara. «Bem-vinda à terra de Canaã. Qual é o seu nome?

«O meu nome é 'Mãe de Nações'.

«Muito bem! Quantos filhos tem?»

«Bom, ... não tenho filhos!» E a situação tornou-se bastante embaraçosa.

Então olharam a Sara mais de perto e perguntaram: «Que idade tem?

«Sessenta e cinco anos», respondeu Sara, e esta resposta era ainda mais embaraçosa.

Finalmente Abraão e Sara decidiram que Deus fizera uma promessa difícil de cumprir! «Deus precisa da nossa ajuda», concluíram. Discutiram o assunto e fizeram juntos um plano. Como resultado em breve sobreveio uma trágica situação familiar. Só depois de anos de dor de cabeça aprendeu Abraão finalmente a lição que haveria de o qualificar para o nome de «Pai dos fiéis».

Deus disse a Moisés para guiar Israel do Egito à Terra Prometida.

Moisés pensou: «Muito bem. Se eu sou o homem que desejas, o melhor é eu começar imediatamente.» E começou usando a sua espada, e matou um egípcio. Logo depois teve de fugir para o deserto onde, durante quarenta anos, pastoreou ovelhas e aprendeu a lição da fé e da vontade. No fim destes quarenta anos Deus lembrou-lhe que era ele quem deveria conduzir Israel para fora do Egito.

Moisés replicou: «Não posso fazer isso. É impossível que eu liberte Israel.» Mas Deus sabia que ele agora estava preparado. Moisés estava finalmente disposto a depender do poder divino.

Então, a despeito do maravilhoso dirigente que Moisés era e que aprendera a lição de maneira tão difícil, o povo de Israel teve de passar pela mesma experiência. Fora-lhes prometido: «O Senhor, vosso Deus, é O que peleja por vós» (Deut. 3:22). Mas Israel vagueou no deserto durante quarenta anos procurando aprender a lição que Moisés teve que aprender antes deles — que, quando Deus faz uma promessa, Ele tem poder para cumpri-la e não precisa da nossa interferência. A nossa interferência apenas dificulta o cumprimento dos Seus propósitos.

Deus prometeu dar-nos poder para vencer os nossos pecados. A maior batalha que jamais foi travada é chegar à compreensão em nossas próprias mentes, de que o Senhor é capaz de cumprir aquilo que promete.

No livro *Captains of the Host*, Arthur Spalding trata de alguns problemas da experiência cristã. Resumindo-os diz: «Muito mais subtil é a convicção que existe na mente dos mais professos cristãos ... de que o homem deve esforçar-se por ser bom, por

fazer o bem, e que quando fez tudo o que lhe era possível fazer, Cristo vem em seu auxílio para ajudá-lo a fazer o resto. Neste confuso credo de salvação em parte por obras e em parte por poder auxiliar, muitos creem hoje.» — Pág. 601.

Não Olhar Para Nós Mesmos

Alguns «conquanto pensem que se estão entregando a Deus, têm ainda grande dose de presunção. Há almas conscienciosas que confiam parcialmente em Deus para ser guardadas pelo Seu poder, mas confiam na vigilância contra a tentação e no cumprimento de certos deveres para serem por Ele aceitas. Não há vitórias nesta espécie de fé. Essas pessoas labutam sem propósito algum; têm a alma em contínua escravidão, e só encontrarão descanso quando depuserem seus fardos aos pés de Jesus.» — *Mensagens Escolhidas*, liv. 1, pág. 353.

«Cada qual terá uma luta intensa para vencer o pecado no próprio coração. As vezes essa obra é muito penosa e desanimadora; pois ao vermos os nossos defeitos de carácter, pomo-nos a considerá-los, em vez de olhar para Jesus e revestir-nos das vestes da Sua justiça. Todo aquele que entrar na cidade de Deus pelas portas de pérola, fá-lo-á como vencedor, e sua maior conquista terá sido a do próprio eu.» — *Testemunhos Selectos*, Vol 3, pág. 381.

«Não devemos olhar para nós próprios. Quando mais nos atardamos sobre nossas imperfeições, menos força temos para as vencer.» E. G. White em *Review and Herald*, 14 de Janeiro de 1890.

Nunca foi intenção de Deus que estivessemos obsessivamente preocupados com os nossos pecados, erros e problemas. Tal preocupação só torna os problemas ainda maiores. Já alguma vez vos aconteceu quererdes dormir, fazer esforços para dormir e vos sentirdes cada vez mais despertos? Do mesmo modo podem fazer-se grandes esforços para combater o inimigo e cada vez nos assemelharmos mais a ele. Jesus tem um plano melhor. É olhar para Ele, observá-lo, conhecê-lo. Esta é a direcção certa para a nossa vontade e a nossa escolha. É onde devemos fixar e concentrar nossos esforços.

Eis uma clara e incisiva declaração de Ellen White: «O Senhor nada pode fazer para a restauração do homem enquanto ele, convicto da sua própria fraqueza e despido de toda a presunção, não se entrega à guia divina. Pode então receber o dom que Deus está à espera de conceder. Coisa alguma é recusada à alma que sente a própria necessidade. Ela tem ilimitado acesso Àquele

em quem habita toda a plenitude.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 220.

A vontade é extremamente importante no processo da salvação. De facto, ninguém deveria apresentar «a ideia de que o homem pouco ou nada tem que fazer na grande obra de vencer; pois Deus nada faz para o homem sem a sua cooperação. Nem digais que depois de haverdes feito tudo o que de vossa parte seja possível, Jesus vos ajudará. Disse Cristo: 'Sem mim nada podeis fazer' (João 15:15).» *Mensagens Escolhidas*, liv. 1, pág. 381. Como podemos reconciliar estas duas ideias? Não há nada que tenhamos que fazer? Qual é a relação entre a parte de Deus e a parte do homem? — A resposta encontra-se na função da vontade humana. E se exercitarmos devidamente a vontade, «uma inteira modificação terá lugar em nossas vidas» (*Conselhos Sobre Saúde*, pág. 440).

Vejamos agora o que é, exactamente, a vontade. A vontade é «o motor da personalidade humana, é a faculdade de decidir, de escolher.» — *Aos Pés de Cristo*, pág. 50. Quando falamos de vontade do homem referimo-nos à sua capacidade de escolher. Paulo reconheceu-o quando escreveu em Romanos 7:18: «Com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.» Paulo sabia como escolher entre o certo e o errado: sabia o que devia fazer, mas não o podia fazer.

Lembraí-vos de quando Pedro disse: «Ainda que me seja mister morrer contigo, não te negarei» (Mat. 26:35)? Pedro fez a boa escolha, mas não teve poder para sustentar essa escolha. Encontrou-se derrotado, a fugir da turba, poucas horas apenas depois de ter tomado a decisão certa. Qual foi o problema? Não compreendeu a função exacta da vontade.

Temos, pois, de distinguir cuidadosamente entre «vontade» e «poder de vontade». As vezes confundimos os dois e pensamos que são o mesmo. Mas não são. A vontade é a capacidade que o homem tem de escolher; o poder de vontade é a sua capacidade para levar avante essa escolha. Temos de usar ambos — a nossa vontade e o nosso poder de vontade — de maneira adequada e sempre teremos dificuldades enquanto o não fizermos. (Ver *Testimonies*, vol. 5, pág. 513).

Voar para o Hawai

Eu posso tomar a decisão de ir até ao Hawai. Neste intuito dirijo-me a uma das praias da Califórnia e ali começo a correr o mais velozmente que possa, começo a agitar os braços no ar, a ver se levanto voo

para Waikiki. Porém, posso levantar e baixar os braços todo o dia, e até toda a noite, mas nunca conseguirei elevar-me do solo. O facto é que posso ficar de tal maneira cansado que nem mesmo forças tenha para me dirigir ao aeroporto.

Todavia, se eu escolher fazer *não* uma coisa que não posso, mas antes qualquer coisa que posso mesmo fazer, como seja tomar o avião para Hawai, é muito possível e lógico que chegue ao meu destino. Uma vez feita tal escolha, o piloto fará o resto por mim. Não estará isto certo? Esta simples ilustração exemplifica o poder de vontade. «O homem não é capaz de se salvar a si mesmo, mas o Filho de Deus *trava as suas batalhas em seu lugar* e coloca-o no terreno vencedor, *dando-lhe* os Seus atributos divinos.» — E. G. White, em *Review and Herald*, de 8 de Fevereiro de 1898. (Itálico nosso).

Traduzido para a vida real, o que Deus está procurando dizer-nos é que, se escolhermos travar o combate da fé com todo o nosso poder de vontade devidamente dirigido para a verdadeira fonte de poder, nós venceremos. (Ver *Testimonies*, vol. 5, pág. 513). Se concentrarmos todo o nosso poder de vontade na direcção de conhecer pessoalmente a Jesus e de Lhe permitirmos viver a Sua vida dentro de nós, então obteremos a vitória. Temos de usar disciplina própria ao escolher uma relação pessoal diária com Deus. Devemos, então, confiar-Lhe as nossas batalhas. Esta é uma das ideias mais difíceis de aceitar para um ser humano. Porquê? Por causa do orgulho natural e da suficiência própria do coração humano. Acariciamos o pensamento de que podemos fazer algo mais.

Lembre-mo-nos dos velhos carros eléctricos; ainda existem alguns nas grandes cidades. Na parte superior do carro há uma haste que faz ligação com a corrente eléctrica. Se eu fosse condutor de um desses carros e descobrisse que a haste se tinha soltado do cabo da corrente, só teria duas coisas a fazer. Podia ir para trás do carro e tentar colocar o trólei novamente em contacto com a corrente, ou então, começar a empurrá-lo.

Se decidisse empurrá-lo, estaria dirigindo o meu poder de vontade na direcção errada. Estaria escolhendo uma coisa que não sou capaz de fazer. Se escolhesse colocar os fios do carro novamente em contacto com a central eléctrica, então estaria escolhendo a acção certa para a vontade e para o meu poder de vontade e então o

carro poderia andar. Se eu exercer a minha vontade e o meu poder de vontade na direcção de Jesus e se concentrar os meus esforços no domínio da minha fé pessoal e da minha vida devocional, então saberei a diferença entre a tentativa de empurrar o eléctrico e buscar estar em contacto com a fonte do poder.

De que natureza é a vossa vida devocional? Não será algo que tendais dado como ponto assente e com o qual já não vos preocupeis? Sabeis o que significa cair diariamente de joelhos com a Santa Palavra de Deus em oração secreta e buscar ao Senhor de todo o vosso coração? Na realidade a natureza da vossa vida devocional dir-vos-á se estais usando devidamente a vossa vontade e o vosso poder de vontade.

À luz deste tema o dramático apelo de Paulo aos Filipenses toma novo significado: «Operai a vossa salvação com temor e tremor, porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efectuar, segundo a sua boa vontade.» (Fil. 2:12, 13). Se eu escolher a experiência de deixar Deus agir em mim, então Ele conduzir-me-á nas minhas restantes decisões; sustentará todas essas decisões com todo o poder do Céu. Assim, a vitória é possível

Às vezes pensamos que existem muitas coisas que nós temos o poder de fazer na vida cristã e gastamos a nossa vida tentando fazê-las. Pessoalmente nunca esquecerei a comoção e alívio que senti quando, há alguns anos, se radicou em mim a convicção de que o que o Senhor espera realmente de mim é que eu use conscienciosamente e deliberadamente as vias que Ele próprio proveu, vias essas através das quais me posso manter em contacto com Ele e o Seu poder: estudo da Bíblia e oração. Através destes meios simples, mas frequentemente negligenciados, Ele vive em íntimo companheirismo connosco e cumpre o mistério do Evangelho, «Cristo em vós» (Col. 1:27; Cf. 2 Cor. 5:17). A vida devocional não é algo de opcional na experiência cristã. O companheirismo diário não é uma coisa que podemos fazer em adição ao facto de sermos cristãos. É toda a base da vida cristã! «Pessoa alguma é um cristão vivo a não ser que tenha uma experiência diária nas coisas de Deus.» — *Testimonies*, vol. 2, pág. 505.

Alguém pode perguntar: «Será que não temos mesmo mais nada que fazer na vida cristã a não ser ler a Bíblia e orar?» Claro que temos! Mas a diferença é que aquilo que fazemos dimana espontaneamente da presença interior de Deus. Fazemos então muito mais do que imaginámos e alcançamos

um nível mais elevado do que aquele que jamais conhecemos ou esperamos

Paulo descreve esta maravilhosa vida do poder quando assim se expressa: «Estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim» (Gál. 2:20).

«Ao nos sujeitarmos a Cristo nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com o Seu espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. É isto o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça». — *Parábolas de Jesus*, pág. 312.

«Coisa alguma é aparentemente mais desamparada, e na realidade mais invencível, do que a alma que sente o seu nada e confia inteiramente nos méritos do Salvador. Pela oração, pelo estudo de Sua Palavra, pela fé em Sua constante presença, a mais fraca das criaturas humanas pode viver em contacto com o Cristo vivo, e Ele a segurará com mão que nunca a soltará.» — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 182.

Perguntas para Discussão

Qual é a relação entre o poder divino e o esforço humano?

De que modo pode «Deus ajuda os que se ajudam» ser verdade?

Em que sentido é falso?

Existirão no mundo extremos de pessoas «fortes» e «fracas»? Porquê?

Pode a disciplina própria modificar o coração? (*Aos Pés de Cristo*, págs. 15 e 16).

Discutir Romanos 9:30-33; 10:1-4.

Porque se deve advertir contra o hipnotismo? (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 242.)

É designio de Deus que a nossa vontade seja destruída? (*Pensamentos sobre o Sermão da Montanha*, pág. 57).

Discutir Filipenses 2:12, 13 em comparação com 4:4, 5.

Se sem Cristo eu nada posso fazer (João 15:5), mas com Cristo posso todas as coisas (Fil. 4:13), qual é a única coisa que me resta fazer?

Pode uma pessoa que tem fé genuína ser contra as obras?

O que significa estar «dispostos a ser tornados voluntários»? (*Pensamentos sobre o Sermão da Montanha*, pág. 120.)

QUINTA-FEIRA

Reavivamento ou reforma, ou ambos?

M. L. VENDEN

Reavivamento e reforma (juntos) são termos bastante familiares para a nossa igreja. Temos falado destas palavras durante muito tempo, ansiado pelo grande dia de reavivamento e reforma que há-de vir. Algumas vezes procuramos apressar este grande dia levando a efeito esforços no sentido da reforma, exaltando certos padrões. Todos temos ouvido falar da reforma do vestuário e reforma da saúde e reforma da temperança e reforma educacional e reforma médica e reforma do Sábado — termos familiares para alguns de nós. Mas a questão é: Modificar os nossos caminhos significará modificar os nossos corações?

Necessitamos de reavivamento? Sim! Mas, bastará o reavivamento? Precisamos de reforma? De qual precisamos mais? Pre-

cisamos de ambos? Tenhamos presente que «reavivamento e reforma são duas coisas diversas» (*Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 128). Jesus referia-se a ambos ao falar ao povo religioso dos seus dias. No meio do Seu discurso chamou aos fariseus «condutores cegos» (Mat. 23:24). Estas pessoas eram grandes reformadores, de tal modo que coavam mosquitos e engoliam camelos.

Disse-lhes ainda: «Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade. Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo» (v. 25, 26).

Estas pessoas necessitavam mais do que uma simples mudança de hábitos. Precisa-

vam de uma mudança de coração. Reavivamento e reforma abrangem tanto o interior como o exterior. A reforma tem que ver com «os hábitos e práticas (Ibid.) A palavra «reforma» aparece apenas em Hebreus 9:10 (edição revista e actualizada no Brasil; noutras versões a mesma palavra é traduzida por «correção»), onde se fala do «tempo da reforma» e refere-se a certas mudanças em cerimónias exteriores e sistemas com os quais estamos familiarizados. A reforma tendo que ver com o exterior, sugere que, por si própria, não vai realizar muito, se algo realizar.

Já alguma vez experimentastes fazer uma dieta? Alguns de nós sabemos por experiência que a dieta não vale muito se o nosso apetite continuar a ser o mesmo. Foi-nos dito: «Jamais serão os homens verdadeiramente temperantes sem que a graça de Cristo seja um permanente princípio no coração. Nem todos os apelos do mundo vos farão a vós e a vossa esposa reformadores da saúde. Nenhuma mera restrição de vossa dieta curará vosso apetite doentio... não praticarão a temperança em todas as coisas enquanto o seu coração não for transformado pela graça de Deus. As circunstâncias não podem operar reformas.» — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 35.

Modificar os nossos hábitos não é suficiente

Lemos: «O cristianismo pressupõe uma reforma do coração. O que Cristo opera no interior, será manifesto no exterior sob os ditames de um intelecto convertido. O plano de iniciar pelo exterior e procurar operar interiormente, tem sempre falhado e falhará sempre. O plano de Deus para vós é começar na própria sede de todas as dificuldades — o coração — e então do coração hão-de jorrar os princípios da justiça; a reforma será tanto externa como interna.» — *Ibid.* Parece claro que procurar causar reavivamento através de reforma fracassará sempre. Portanto a reforma não é suficiente.

Qual é a essência do termo «reavivamento»? «Reavivamento significa renovação da vida espiritual.» — *Mensagens Escolhidas*, Livro Um, p. 128. «O povo deve ser ensinado», é-nos dito, «a não se satisfazer com uma forma de piedade sem o espírito e o poder.» — *Ibid.*, p. 122. Forma aqui refere-se a reforma. O reavivamento refere-se ao Espírito e poder.

David compreendeu bem este ponto quando em sua oração suplicou reavivamento: «Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito recto.» (Sal. 51:10). Sabia que o renovamento começa na vida interior e não no exterior.

Em Efésios 4:23 Paulo fala de renovação ou reavivamento das nossas mentes ou corações (a versão revista do Brasil menciona «entendimento»). Romanos 12:2 menciona também o renovamento das nossas mentes ou entendimento. Qualquer reavivamento ou renovamento que passe por alto a mente é imediatamente suspeito, porque o Espírito Santo opera através de inteligente compreensão e não passa por alto a razão.

Perguntais: Qual é mais importante? «Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo, deve ser a nossa primeira ocupação.» — *Ibid.*, p. 121. Estas palavras foram ditas à nossa igreja há já muito tempo.

Reavivamento, renovação do entendimento em completa entrega, está no cimo da lista de prioridades. E a premissa é que reavivamento genuíno resultará em reforma tal como fé genuína resultará em obras de fé. Reforma sem reavivamento não é realmente reforma. É apenas aparência de reforma.

Todavia, a verdade é que não podemos isolar reavivamento de reforma. Têm de andar juntos. Têm de fundir-se.

Não podemos começar um programa de reforma na igreja. Poderíamos tornar-nos estritos e exactos, traçar regras rígidas de aparência externa. Talvez que uma boa maioria da igreja se manifestasse exclaimando: «Magnífico! Eis um novo dia!» Sim, seria um novo dia. Mas qual seria o resultado?

Contudo, não é possível dar demasiada ênfase ao facto de que a nossa grande necessidade é reavivamento — as coisas da vida espiritual interior. É a nossa primeira prioridade, aquilo que devemos buscar pela graça de Deus. Todos os planos das Nações Unidas para modificar as coisas no que concerne à tensão internacional, todas as marchas, greves e agitar de bandeiras — pessoas que tentam reformar pessoas com o intuito de modificar as relações de umas pessoas para com as outras — estão destinados ao fracasso. Resultados imediatos em «diferente aparência exterior» podem ocorrer.

rer, mas tal actividade não toca os corações dos homens. Paz honrosa, por exemplo, é apenas temporária se os corações dos homens não forem afectados.

Além disso, onde quer que a igreja comece a experimentar um verdadeiro reavivamento e reforma, a esperança de que esta experiência seja duradoura é minada por um medo oculto de que não dure e de que as coisas fiquem piores do que estavam antes. De facto, no *Desejado de Todas as Nações*, descobrirei esta estranha frase: «Toda a reforma era seguida da mais profunda apostasia.» — Página 19. Talvez isto possa dar a impressão de que é melhor não nos preocuparmos com reformas. Mas também nos é dito que «um período de grande luz e o derramamento do Espírito é geralmente seguido de um tempo de grande treva.» — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, págs. 130, 131.

Perguntais «Porquê?» Principalmente porque o diabo não é um simples produto da imaginação dos povos. Se há uma coisa que o diabo odeia é precisamente ver reavivamento e reforma no seio do povo de Deus. «O pensamento de que a justiça de Cristo nos é imputada, não por algum mérito de nossa parte, mas como um dom gratuito de Deus, é um precioso pensamento. O inimigo de Deus e do homem não quer que esta verdade seja claramente apresentada; pois sabe que se o povo a aceitar plenamente, está despedaçado o seu poder.» — *Obreiros Evangélicos*, pág. 161.

Se eu fosse o diabo — nervoso como um leão rugidor porque sabia que tinha pouco tempo — não gostaria que o meu poder fosse quebrantado, não acham? Ele, portanto, fará tudo quanto possa para causar letargia ou fanatismo onde quer que se esboce um reavivamento e reforma. Lutero assim o compreendeu. Certa vez procurou arremessar frascos de tinta ao diabo. A luta não deu muito resultado, apenas manchou a parede.

56 Pela Oração

Mas ele escreveu nos seus dias, quando estava precisamente tendo lugar uma reforma causada por reavivamento: «Não negligenciemos o artigo ou o ensinamento da justificação pela fé». Se nos desviarmos da justiça de Jesus cairemos na justiça da lei, que é uma pseudoreforma. «Isto quer dizer, quando perdemos a Cristo tudo quanto nos resta é cair na confiança das nossas obras.» «Temo», disse ele, «com medo de que este ensino se apague e obscureça novamente

quando formos mortos, porque o mundo será novamente repleto de horrível escuridão e erros antes que o último dia chegue.» Lutero, com a sua perspicácia, foi capaz de ver e reear esta possibilidade.

Que produzirá um reavivamento e reforma duradouros? «Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração.» — *Mensagens Escolhidas*, Livro Um, pág. 121. Somente em resposta à oração? Por quantos? Quantas pessoas precisam de orar? Se conseguirmos ter 500 pessoas a orar por reavivamento, terá ele lugar? Oração onde? E por quem? Por quanto tempo?

Se estudarmos a história do verdadeiro reavivamento na igreja cristã acharemos que o reavivamento nunca começou numa catedral. O reavivamento nunca começou em qualquer assembleia eclesiástica. Nunca começou numa reunião em que se tomou uma resolução — considerando que, e considerando que, ... resolvemos que desde agora em diante vamos ter um reavivamento. Nunca começou com as palavras «Quantos de vós acreditam em reavivamento, levantem a vossa mão!» E todos levantando a sua mão.

Sabeis como começou? Como começa ainda hoje? Começa com uma pessoa. «Um membro que trabalhe da maneira devida levará outros membros a unir-se-lhe em súplicas pela revelação do Espírito Santo.» — *Testemunhos Selectos*, vol. III, pág. 254. «Quando as igrejas são reavivadas é porque alguém individualmente busca fervorosamente a bênção de Deus. Tem fome e sede de Deus e pede com fé e recebe de acordo com essa fé. Põe-se ao trabalho com fervor, sentindo a sua grande dependência do Senhor e as almas são despertadas a buscar uma bênção semelhante e vem sobre os corações dos homens uma estação de refrigério.» — E. G. White em *Review and Herald*, 13 de Março de 1888. Começa com uma pessoa! A seguir duas e três, um punhado. Pequenos grupos aqui e ali. Eis como começa. Não gostaríeis de estar empenhados neste género de actividade? Temos de orar mais e falar menos.

Reavivamento e reforma são objectivos por que podemos orar legitimamente, pedindo a Deus que nos envie o Seu poder aqui e agora. A condição para procurar este reavivamento é graficamente apresentada em Isaías 57:15: «Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade e cujo nome é santo: Num alto e santo lugar habito e também com o contrito e o abatido de espírito, para vivificar o espírito dos

abatidos e para vivificar o coração dos contritos.» Se desejo alcançar o alto e sublime lugar onde o Alto e Sublime habita eternamente, então o mais elevado lugar que posso alcançar agora é cair sobre o meu rosto aos pés da cruz. Acredita nisto? Então dizêi: «Ó Deus, reaviva a Tua obra. Reaviva-me a mim. Reaviva-nos a nós. Continua e completa a obra que Tu começaste.»

Perguntas para Discussão

A reforma traz sempre consigo reavivamento?

Discutir Tito 3:2-7.

Que pensar acerca do neopentecostalismo que passa por alto o entendimento nas suas experiências extáticas? Opera Deus deste modo?

Começará o reavivamento com o pastor? (*Testimonies*, vol. 1, pág. 469).

E se o ministro o não começar? (*Mensagens Escolhidas*, Livro Um, pág. 127; *Testimonies*, vol. 3, pág. 49).

Onde, no Salmo 51, encontramos David orando por reavivamento? E por reforma?

Observastes diferentes respostas e reações quando sobrevém à igreja genuíno reavivamento? Quais?

Já alguma vez dissestes: «Ele precisa modificar a sua vida»? Que há de errado nesta frase?

SEXTA-FEIRA

Operando a vossa própria salvação

M. L. VENDEN

Hoje vamos estudar a principal razão por que reavivamentos e reformas frequentemente desaparecem na história.

Em Filipenses 2:12 é-nos dito que devemos operar a nossa salvação. Este texto tem sido muitas vezes mal compreendido e mal aplicado, reduzindo deste modo o cristianismo a um sistema de obras. Mas há realmente algumas coisas que temos que fazer. Jeremias 29:13 revela uma das duas importantes responsabilidades humanas: «E buscar-me-eis... de todo o vosso coração.» O outro requisito encontra-se em Marcos 8:35: «Qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará». Estes dois pontos, vida devocional diária e trabalho em favor dos outros são igualmente importantes. Devem andar juntos. «Se nos entregássemos tão-somente a piedosa meditação nossa luz se iria enfraquecendo, pois foi-nos dada para que a possamos comunicar a outros, e quanto mais comunicamos luz, tanto mais brilhante ela se tornará.» — *Mensagens Escolhidas*, Livro Um, pág. 139.

Porque nos é dado um trabalho para

realizar em favor dos outros? Qual é a razão para o testemunho cristão? Uma das razões mais frequentemente apresentadas é a grande necessidade do mundo. Tal necessidade está constantemente diante de nós. Não a podemos negar. Mas na disposição cristã tradicional, nós temos o hábito de «dar» ou «ir» ou «fazer» na proporção da eloquência e persuasão da pessoa que apresenta a necessidade.

Às vezes recorremos a dispositivos mecânicos para manter toda a gente a trabalhar e algumas vezes competimos uns com os outros ou dependemos de reconhecimentos e recompensas. Mas quando temos de recorrer a estes meios para levar as pessoas a ler as suas Bíblias, a dar para as Missões ou a partilhar as suas crenças, não só estamos admitindo para nós próprios mas também alardeando ao mundo que algo está faltando na nossa experiência cristã.

Em 1904 foram escritas estas inspiradas palavras: «O Senhor é bom. É misericordioso e terno de coração. Conhece a cada um de Seus filhos. Sabe exactamente o que cada um de nós está fazendo. Sabe o justo

mérito de cada um. Não quereis pôr à margem vossa lista de méritos, vossa lista de condenações, deixando que Deus faça Sua própria obra? Haveis de receber vossa coroa de glória se atentardes para a obra que Deus vos confiou.» — *Serviço Cristão*, pág. 268.

Um outro género de pessoa justifica à sua maneira o facto de não trabalhar, considerando-se do tipo forte, silencioso. «Prefiro ver um sermão do que ouvi-lo» é o seu lema. Acredita que o que vale a pena é ser bom vizinho, uma pessoa bondosa, e acha que a necessidade de falar a alguém da sua fé é secundária. Mas esta pessoa está apenas mostrando a sua lacuna, porque «se experimentámos e vimos que o Senhor é bom, teremos algo que contar.» — *Aos Pés de Cristo*, pág. 78.

Dois Critérios

No princípio da semana falámos de dois critérios através dos quais a nossa relação pessoal com Deus pode ser avaliada: (1) Quem é o centro dos nossos pensamentos? Quão frequentemente se voltam nossos pensamentos espontaneamente para o Seu amor, a Sua bondade, sem qualquer estímulo exterior? Quando estamos conduzindo ou girando na nossa rotina diária, volvemos nossos pensamentos para Jesus e Seu amor? (2) Acerca de quem gostamos de falar? Apreciamos nós sentar-nos com nossos amigos e falar-lhes de Jesus, do maravilhoso Amigo que Ele é?

«Onde quer que a vida de Deus anime o coração dos homens, ela se manifestará em actos de amor e beneficência... Quando o amor de Cristo é implantado num coração, da mesma sorte que um perfume suave não pode ficar oculto... Tão depressa uma pessoa se chegue para Cristo, nasce-lhe no coração o desejo de revelar aos outros que precioso amigo encontrou em Jesus. A verdade que salva e que santifica não pode ficar encerrada no coração. Se nos achamos revestidos da justiça de Cristo, e cheios de alegria proveniente da habitação de Seu Espírito em nós, não nos será possível calar-nos. Se provámos e vimos que o Senhor é bom, teremos alguma coisa a dizer.» — *Ibid.*, págs. 82-84.

A razão por que testemunhamos de Jesus não é apenas porque alguém nos levou a falar d'Ele. É porque não podemos passar sem o fazer. Qual é, pois, a nossa verdadeira motivação para trabalhar mais para Deus? É a nossa experiência interior ou é a compulsão exterior?

Quando alguém vinha à presença de Jesus e recebia auxílio, não mais podia

manter-se inactivo. Talvez que Jesus dissesse a tais pessoas para não contarem a ninguém sabendo que não seriam capazes de se conterem e isso realçasse ainda mais a sua impossibilidade de ocultarem a íntima plenitude da presença e alegria por eles experimentada depois de com Ele se terem encontrado. Iam por toda a parte proclamando as novas.

Qual é o primeiro objectivo do testemunho cristão? É o nosso benefício ou o benefício dos outros? Marcos lembra o mandamento de Jesus: «Ide por todo o mundo e pregai o evangelho» (Marc. 16:15). É-nos dito para ir. O endemoninhado curado por Jesus nos campos de Gádara quis permanecer com Jesus, mas Jesus disse-lhe: «Vai para tua casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez, e como teve misericórdia de ti» (cap. 5:19). Ele obedeceu a esta ordem.

Qual foi o resultado? Na vez seguinte que Jesus visitou Gádara, os que Lhe tinham pedido para se ir embora, apressaram-se a dar-Lhe as boas-vindas. Estavam à espera d'Ele por causa do testemunho daquele homem. Mas, por amor de quem Lhe pediu Jesus para dar testemunho? — Pelo bem do povo ou do próprio homem?

Jesus apenas mostrou a oportunidade que Ele próprio provera ao curar o endemoninhado, sabendo que este homem jamais poderia conter a sua alegria. No entusiasmo do momento, quando não era capaz de pensar senão n'Aquele que o curara, Jesus indicou-lhe a grande oportunidade de partilhar o que Deus havia providenciado. Deus também providenciou tal oportunidade para cada um de nós.

«O único modo de crescer na graça é fazer dedicadamente a obra de que Cristo nos encarregou — trabalhar na medida de nossas forças, em auxílio dos que têm necessidade de nós. A força desenvolve-se pelo exercício; a actividade é a condição mesma da vida. Os que pretendem manter sua vida cristã limitando-se a aceitar passivamente a graça do Alto, sem nada fazer por Cristo, procuram simplesmente comer sem trabalhar. Ora, no mundo espiritual, como no mundo material, este sistema leva fatalmente à degeneração e morte. O homem que se recusasse a fazer uso de seus membros, perderia em breve a faculdade de se servir deles. Assim o cristão que não exercita as faculdades que Deus lhe deu, não só deixa de crescer em Cristo, mas perde as forças que possuía.» — *Aos Pés de Cristo*, págs. 86, 87.

Discussão Unilateral

Em anos recentes os teólogos têm dis-

cutido o que constitui conhecimento salvador. Um grupo proclama que todo aquele que finalmente for salvo no reino de Deus tem de ter tido uma «revelação especial» ou ter ouvido a história específica do evangelho. Sem esta revelação não podem ser salvos. Outro grupo mantém que «revelação natural ou geral» é suficiente. As pessoas serão salvas pelo que tiverem feito com a luz, não importa quão pequena esta luz tenha sido. Podem ser salvas apesar da falta de conhecimento do Evangelho.

Nenhum destes pontos de vista está livre de problemas. Por um lado há o problema de acompanhar a explosão demográfica, por outro o problema da razão para o testemunho.

Será a questão do conhecimento salvador tão importante quanto aquela outra «Porquê testemunhar?» Pode ser que seja uma senda lateral para desviar as atenções da verdadeira razão. Se Deus precisa de nós para terminar a obra, então a pergunta «em que consiste o conhecimento salvador» é uma questão prática. Mas, está Deus limitado aos nossos esforços? Será por essa razão que pede o nosso testemunho? Deus podia dar o conhecimento do evangelho aos outros sem a nossa ajuda. «Deus poderia ter confiado aos anjos celestes a mensagem do Evangelho e toda a obra do ministério de amor. Poderia ter empregado outros meios para realizar o Seu designio.» — *Aos Pés de Cristo*, pág. 85. E no fim, Ele o fará! «Deus empregará instrumentos cuja origem o homem será incapaz de discernir; os anjos farão uma obra que os homens poderiam haver tido a bênção de realizar, não houvessem eles negligenciado atender aos reclamos de Deus.» — *Mensagens Escolhidas*, Livro Um, pág. 118.

Então, qual é o objectivo do testemunho cristão? «Seja qual for a necessidade da nossa acção no avanço da causa de Deus, Deus assim esabeleceu tendo em vista o nosso bem.» — *Testimonies*, vol. 3, pág. 391. Portanto, a Sua razão ao designar todo um programa no qual vós e eu podemos participar não é meramente suprir uma necessidade do mundo, mas suprir as nossas necessidades como testemunhas.

Quando encontramos o grande ímpeto que nos constrange a «fazer» e «dar» e «ser» e «dizer» espontaneamente, do interior, devido ao companheirismo com Jesus, «todo o esforço em favor de nossos semelhantes, recairá sobre nós em chuvas de bênçãos. Foi este o propósito por que Deus nos confiou um papel no plano da redenção.» — *Aos Pés de Cristo*, pág. 84.

Deus conhece bem o grande princípio de que os que procuram ajudar a outros se estão ajudando ainda mais a si próprios.

Eis a razão por que nos deu tal oportunidade.

Trabalhamos então para Deus a fim de nos salvarmos a nós próprios? Não, isso seria uma razão agoista da nossa parte. A nossa motivação para o testemunho provém da alegria de saber quão maravilhoso Amigo nós encontramos em Jesus e do nosso desejo de partilhar esta experiência com outros. A nossa motivação há-de ser uma motivação espontânea se tivermos uma experiência genuína. Mas é possível que ao mesmo tempo e juntamente recebamos maiores bênçãos do que aqueles a quem damos o nosso testemunho.

«Se quiserdes pôr-vos à obra como Cristo espera de Seus discípulos; se quiserdes atrair almas para Ele, sentireis a necessidade de uma experiência mais profunda e de um maior conhecimento das coisas de Deus. Tereis fome e sede de justiça; instareis com Deus, e vossa fé se fortalecerá e vossa alma poderá beber a largos sorvos da fonte da salvação. As oposições e provas que encontrardes vos impelirão para a leitura da palavra de Deus e para a oração. Crescereis na graça e no conhecimento de Cristo, e adquirireis uma rica experiência... Os que assim se dedicam com desinteresse ao bem de seus semelhantes trabalham da maneira mais eficaz na sua própria salvação.» — *Aos Pés de Cristo*, págs. 85, 86.

Aconteceu em Nova Iorque

O que vamos referir a seguir passou-se num sombrio edifício de pedra, situado na parte ocidental de Central Park em Nova Iorque. Essa casa fora outrora uma mansão, mas havia muito que se transformara em refúgio de desesperados. Os doentes que ali se encontravam eram dipsomaniacos e outros com piores vícios ainda. Numa fria manhã de Outono um doente do 2.º andar acordou de um pesadelo e olhou admirado para o rosto de um pequeno médico que se encontrava junto da sua cama.

«Bom dia, Bill!» começou o clínico a dizer, dando um puxão ao seu enorme bigode castanho.

«Bom dia, S'Tor! Cá estou outra vez, não é?»

«Talvez lhe interesse saber que é a sua 15.ª visita».

Bill forçou um débil sorriso. «Sou uma árvore de meio século, não é? Aposto que nunca me curarei, não é Sr. Doutor?»

«Receio bem que sim, Bill.»

«Oh! Não me podia dar uma bebida para festejar as más notícias?»

O médico suspirou. «Está bem, Bill. Vamos fazer um contrato. Vou permitir que

receba o que pediu, mas primeiro você tem de me fazer um favor.»

Bill soltou um ronco melancólico. «Qual é o banco que tenho de ir assaltar?»

«Deixe lá a gracinha. Há um rapaz no quarto ao fundo do corredor. Trouxeram-no a noite passada. É a sua primeira visita a esta casa, mas, a não ser que se faça qualquer coisa por ele, não será a última.»

«E que posso eu fazer?»

«Apenas isto. Salte da cama e mesmo aos tropeções vá ter ao corredor e deixe que o moço o veja bem. É tudo. Você é um exemplo tão horrível esta manhã, Bill. Talvez que consiga assustá-lo de modo a que ele nunca mais volte a tomar outra bebida.»

«Grande sorte», zombou Bill. «Mas, negócio feito! Dê-me o meu roupão, se faz favor.»

Sentado na cama do jovem recém-chegado, Bill, o alcoólico de meio século, começou a exortar o rapaz. Não denunciou o álcool. Mas, disse ele, há algumas pessoas que simplesmente não o podem tomar e um homem tem de saber isso antes que seja tarde demais.

Estranha Alegria

Continuando a falar com a pálida face que jazia nas almofadas, Bill sentia-se inundar de estranha alegria. Acudiam-lhe à mente em tropel velhas verdades da sua meninice — textos do Sermão da Montanha. Solenemente declarou ao rapaz que apenas um poder maior do que ele próprio e fora dele próprio o poderia salvar.

«Não acredito em nenhum poder fora de mim próprio», foi a seca réplica que obteve.

«Oh, sim, acredita!» gritou Bill, fluindo numa onda de entusiasmo. «A garrafa tem mais poder que você. Não a pode vencer por si próprio.»

«O que hei-de então fazer?»

«Orar» foi a resposta de Bill, a qual surpreendeu mais o próprio Bill do que aquele jovem desconhecido. «E deixe que eu o ajude.»

A parte mais estranha de tudo isto é que embora Bill não parecesse fazer muitos progressos com o infeliz rapaz, ele estava realmente fazendo uma profunda im-

pressão em si próprio. Quando, finalmente, conseguiu que o rapaz manifestasse uma pálida luz de interesse, Bill sentiu o seu sangue cantar nas veias.

Toda a manhã aquele estranho par conversou; prometeram manter-se em contacto; que haveriam de apoiar-se mutuamente, etc. Desde esse dia Bill voltou centenas de vezes ao hospital — mas nunca mais como doente! Vai lá, sim, e centenas de associados seus vão também, mas apenas para servir. Porque foi Bill quem naquele dia descobriu de novo que ajudando os outros nos ajudamos a nós próprios! A sua conversa com aquele rapaz foi o princípio, a fundação da grande organização que ele criou e que conta hoje milhares de casos de êxito em todo o mundo, que traz nova esperança e nova vida e nova fé e se chama «Alcoholics Anonymous» (Alcoólicos Anónimos).

Antes que vós e eu sejamos salvos no reino de Deus havemos de ter ajudado alguém mais a ser também salvo. É deste modo que o desígnio de Deus para a nossa salvação será realizado.

Perguntas para Discussão

Como encarar a pregação do Evangelho a todo o mundo em relação com a explosão demográfica?

Será suficiente o testemunho silencioso?

Se eu não testemunhar aos outros, quem perderá mais?

Se uma testemunha deve dizer o que experimentou pessoalmente, o que é que vem primeiro: o testemunho ou a experiência?

Que tal a ideia de trabalhar para ter algumas «estrelas na minha coroa»?

É possível trabalhar arduamente na igreja para compensar alguns pecados na minha vida passada?

Quando temos de recorrer a métodos humanos do mundo para levar as pessoas a trabalhar, o que estamos proclamando?

Precisa Deus do homem para «terminar a obra»?

Deve alguém ouvir o Evangelho duas vezes antes de todos o terem ouvido uma vez?

Jesus, o nosso grande exemplo

M. L. VENDEN

«Deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumador da fé, o qual pelo gozo que lhe estava proposto suportou a cruz» (Heb. 12:1, 2).

Sabieis que a vida de Jesus nesta terra foi uma perfeita demonstração de justiça pela fé? Olhando para Ele encontramos o nosso modelo para perseverar até ao fim.

A cidade de Nazaré, donde provinha Jesus, não era o tipo de solo próprio para o crescimento de belas plantas, mas desse solo veio o Lírio do Vale, exalando a Sua fragrância por todo o mundo.

Milhares de mentes têm estado perplexas com a questão: Como pôde Jesus viver a espécie de vida que viveu? É comum a errada concepção de que esta magnificente vida foi vivida como resultado de um poder inerente que seres humanos não possuem. Algumas vezes a divindade com que Jesus nasceu é considerada a fonte do poder de Jesus enquanto se encontrava nesta terra. Mas observemos o próprio testemunho de Jesus acerca da maneira como viveu esta vida: «Quando levantardes o Filho do homem, então conhecereis quem eu sou, e que nada faço por mim mesmo» (João 8:28). «Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai; porque tu-

do quanto ele faz, o Filho o faz igualmente» (João 5:19). «Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma» (v. 30).

Dado que estas declarações provêm d'Aquele que nasceu divino e humano, elas têm significado especial. Porque disse Jesus que não podia fazer nada? Mesmo abstraindo o auxílio exterior, não tinha Jesus poder ou capacidade para fazer mais do que qualquer pessoa devido ao Seu poder inerente?

Homens maus junto da cruz meneavam as suas cabeças e escarneciam: «Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo». (Mar. 15:31). E era verdade! Na cruz Jesus não podia fazer nada para Se salvar e todavia salvou-nos a nós.

Porém, não apenas na morte de Jesus, mas também na Sua vida, havia uma razão por que Ele não podia fazer nada por si mesmo. Porque Ele veio para mostrar-nos como viver. Fazia parte de Seu plano não fazer coisa alguma pelo Seu próprio poder. Porquê? Porque veio para demonstrar a pobres e fracos pecadores como viver através de um poder fora de si mesmos. Veio para mostrar-nos pelo Seu exemplo como podemos viver uma vida vitoriosa.

«A menos que defrontasse o homem como homem e testificasse pela Sua conexão com Deus que o poder divino não Lhe

fora dado de modo diferente daquele que nos será dado a nós, Ele não poderia ser um exemplo perfeito para nós.» — *The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, on Heb. 2:14, p. 925. Jesus convidava-nos a fazer a Sua vontade através do Seu poder, tal como Ele fez a vontade a Seu Pai através do poder do Pai. «Sofreu toda a provação a que estamos sujeitos. E não exerceu em Seu próprio proveito poder algum que não nos seja abundantemente facultado. Como homem, enfrentou a tentação, e venceu-a no poder que Lhe foi dado por Deus.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 16.

Provavelmente, a mais clara declaração de Jesus da Sua dependência é relatada por João. «Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai que está em mim, é quem faz as obras» (João 14:10). Por que poder viveu Jesus uma vida sem pecado numa plena humanidade? Pelo poder de Seu Pai, que habitava n'Ele.

Havia, todavia, algum modo de Jesus Se apoiar na Sua inerente divindade? Era esta a Sua fonte de poder para viver a vida maravilhosa que viveu neste mundo? Quando Jesus disse «Não posso de mim mesmo fazer coisa alguma» referia-Se ao facto de ter deposto o Seu poder inerente e de não o usar! O poder pelo qual Ele viveu uma vida sem pecado e pelo qual fez as suas maravilhosas obras foi o poder obtido através da Sua dependência humana do Pai Celestial. «Era pela fé e oração que Ele realizava os Seus milagres.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 398. (Ver *The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments sobre Heb. 2, pp. 924, 925; *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 496; *Testimonies*, vol. 9, pág. 22.)

«Não era na posse da força onnipotente que Ele (Jesus) descansava. ... Esse poder, depusera-o Ele, e diz: «Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma» (João 5:30). Confiava no poder de Seu Pai. Foi pela fé — fé no amor e cuidado de Deus — que Jesus repousou.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 249.

Jesus Mostrou ao Homem Como Viver

O facto maravilhoso é que a maneira de viver de Jesus deve ser a nossa maneira de viver. Eis a prova: «Sem mim nada po-

deis fazer» (João 15:5); «Se alguém está em Cristo, nova criatura é» (2 Cor. 5:17); «Cristo em vós, esperança da glória» (Col. 1:27); «Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações (Efés. 3:17). Resumindo:

Jesus

Não podia fazer coisa alguma sozinho — João 5:30.

Estava no Pai — João 14:10

O Pai estava n'Ele — João 14:10

O Pai habitava n'Ele — João 14:10

Homem

Não pode fazer coisa alguma sozinho — João 15:5

Pode estar em Cristo — 2 Cor. 5:17

Pode ter a Cristo em si — Col. 1:27

Pode ter a Cristo habitando em si — Efés. 3:17

Assim, a vida que Jesus viveu e o modo como a viveu, são oferecidos a cada ser humano. «Ele (Cristo) resistiu à tentação usando o poder que está à disposição do homem. Apegou-Se ao trono de Deus e não há homem ou mulher alguma que não tenha acesso ao mesmo auxílio pela fé em Deus. Os homens podem ter poder para resistir ao mal — poder que nem a terra, nem a morte, nem o inferno podem dominar; poder que os colocará onde podem vencer como Cristo venceu.» — Ellen G. White, em *Review and Herald*, 18 de Fevereiro de 1890.

A Maior Tentação de Nosso Senhor

Qual foi a maior tentação de Jesus? Para o compreender temos de compreender qual é o maior resultado do pecado. Pecado é mais do que simples transgressão da lei escrita. O maior resultado do pecado encontra-se bem explicito em Romanos 14:23: «Tudo que não é de fé é pecado». Outras versões dizem «Tudo o que não é dependência de Deus». Noutras palavras, o pecado tal como é descrito em Romanos 14:23 (viver separado de Deus) resulta em pecado tal como se encontra descrito em 1 João 3:4 (transgressão da lei de Deus).

Mais tarde ou mais cedo todo aquele

que for salvo da última geração chegará a compreensão de que o pecado consiste não só em cometer actos errados, por mais real que isso seja, mas também e antes de tudo naquilo que causa os actos errados, isto é, viver uma vida independente de Deus.

Todos conhecemos pessoas que, embora nada se importem com Cristo, vivem «vidas boas» pela sua própria vontade e poder. Sem contacto espiritual ou comunhão com Deus muitos homens podem todavia fazer «grandes coisas». Por vezes o *professo* cristão parece viver a vida por excelência sem ligação genuína e consistente com Deus. Mas aí é que está precisamente o problema! Há alguns que acham que é mais fácil manter-se afastado dos pecados reconhecidos como tal do que tomar tempo cada dia para desenvolver uma relação perfeita com Jesus. As vezes isso exige tempo, que pensamos não ter. Achamos, portanto, mais cómodo viver uma «vida boa» dentro das nossas próprias forças sem permanecer em Cristo.

Ora, se o pecado consiste em primeiro lugar na fantasia de se viver na própria força ou poder, qual terá sido a maior tentação de Jesus? A maior tentação de Jesus foi usar o poder que inerentemente possuía. É também a maior tentação do homem. Mas quem tem maior poder inerente, e portanto, maior tentação? Jesus, certamente! Então, Cristo teve vantagem sobre o homem? Não!

A vida de Jesus, da infância à idade da responsabilidade, não tem de ser problema para os que proclamam que Ele teve vantagem em virtude do Seu melhor começo. O resultado crucial do problema do pecado não é apenas como eu me conduzo, mas por qual poder me estou eu conduzindo? A tentação de viver uma vida «boa» pelas próprias forças é maior quando as forças são pequenas ou grandes? É tentação maior apoiar-se em si próprio quando se tem um relatório passado perfeito ou imperfeito? Aquele que fracassou e se encontra desanimado busca auxílio de modo mais activo do que aquele cujo passado só regista êxitos. Os que herdaram grande poder de vontade, que não são constantemente derrotados, têm maior tendência a «ir sozinhos» do que aqueles fracos de nascimento e circunstâncias.

Possuo um Volkswagen. Foi-me grandemente recomendado certa vez. O vendedor disse que os Volkswagens são extraordinários — consomem pouca gasolina, correm como Cadillacs, ultrapassam tudo na

estrada, são formidáveis para as subidas, não sofrem depreciação. «Bem», disse eu, «De que é que estou à espera?» E comprei um.

Certo dia, depois de ter o meu VW, parei num cruzamento à espera do sinal verde. Um jovem parou junto de mim com o seu carro sport de 400 cavalos. Julgam que me deu qualquer tentação de o vencer com o meu 36 cavalos? Experimentei uma vez para minha vergonha. A seguir olhei noutra direcção e fiz de conta que não o via. Mas, se eu me encontro no cruzamento à espera e tenho mesmo força debaixo do capot para contrapor à sua, então vem a tentação de a usar.

Vêdes como Jesus foi tentado de um modo que vós e eu nunca seremos tentados? Se o maior perigo da tentação é levar-me a separar de Deus e a viver sob o meu próprio poder, então, de longe, Jesus enfrentou a maior tentação. Foi a Sua maior tentação no deserto (Mateus 4). O apetite ajuda a criar a tentação, claro está, mas será pecado ter fome depois de ter estado 40 dias sem comer? O apetite era apenas parte da questão. A mais forte tentação era agir no Seu próprio poder fazendo aquilo que podia fazer — transformar as pedras em pão. A maior prova de fé e confiança foi a Sua dependência do Pai Celeste para prover às Suas necessidades na altura e no modo que achasse oportuno.

Seria tentação para vós e para mim transformar pedras em pão? Dizemos que não porque não possuímos essa espécie de poder e bem o sabemos. Mas Jesus tinha! Não admira que as Escrituras digam que Ele sabe o que é ser tentado. Foi tentado como nós, mas num grau mais forte (Ver Heb. 4:15). O que é admirável em Jesus não é tanto aquilo que Ele fez mas o que Ele se refreou de fazer. «Manter velada a Sua glória como um filho da raça caída, era a mais severa disciplina a que o Príncipe da Vida se podia submeter.» — *The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments sobre Mat. 4:1-11, pág. 1081.

«Era uma tarefa difícil para o Príncipe da Vida levar avante o plano que empreendera para a salvação do homem, em revestir a Sua divindade com a humanidade. Recebera honra nas cortes celestiais e estava familiarizado com o poder absoluto. Era tão difícil para Ele conservar o nível da humanidade como para o homem erguer-se acima do baixo nível de sua corrompida natureza e ser participante da natureza divina.» — *Confrontation*, p. 85.

Jesus veio não apenas para morrer mas para mostrar-nos como viver. Mas nós usamos as nossas vidas buscando tudo excepto a fé — a espécie de fé que Jesus tinha para com Seu Pai. Temos toda a espécie de métodos — justiça pela resolução, justiça pela promessa, justiça pelo hábito, justiça pela hereditariedade, justiça pela conformidade e justiça pela denominação. Mas, em todo o tempo, a justiça e paz para os corações turbados, vieram sempre através da fé — a vida de humilde dependência e obediência.

Poder Através da Oração

Como mantinha Jesus este contacto e dependência de Seu Pai? Como recebia Ele este poder? «Era nas horas de oração solitária que Jesus, em Sua vida terrestre, recebia sabedoria e poder.» — *Educação*, pág. 259.

«Diariamente cercado de tentações, sofrendo a continua opressão dos guias do povo, Cristo sabia Seu dever fortalecer Sua humanidade pela oração ... Assim mostrou Ele aos Seus discípulos o esconderijo de Sua força.» — *Conselhos Aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 291. «Depois de passar horas com Deus, apressava-se manhã após manhã para comunicar aos homens a luz do Céu.» — *Parábolas de Jesus*, pág. 139.

Como recebemos poder? Exactamente da mesma maneira. «Enquanto a Ele estivermos ligados pela fé, o pecado não mais terá domínio sobre nós.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 87. Então, se eu cedo às minhas fraquezas, aos meus pecados, às minhas provações, minhas tentações, qual é a razão? É porque não estou unido com Deus neste ponto. Isto está indicado em I João 3:6: «Qualquer que permanece n'Ele não peca.» Não admira que Jesus tenha dito: «Estai em Mim e Eu em vós.» Porque cometemos erros? Porque pecamos? Porque a nossa permanência n'Ele é esporádica.

O nosso crescimento até à maturidade cristã depende de aprendermos como habitar n'Ele, confiando n'Ele mais e mais, até que Lhe permitamos permanecer plenamente em nós cada momento de cada dia. Ao ensinar-nos o Senhor estas lições de crescimento e enquanto devemos tornar-nos cada dia mais conscientes dos subtils meios com que o inimigo nos separa do poder, Deus suporta pacientemente nossas enfermidades e conta-nos como Seus filhos e filhas. Sabe

que finalmente havemos de triunfar pelo Seu poder.

Até Satanás o sabe! «Satanás está bem ciente de que a mais débil alma que permaneça em Jesus é mais que suficiente para competir com as hostes das trevas.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 390. Sabe também que «todos quantos ele pode levar a negligenciar a oração e o exame das Escrituras, estão vencidos pelos seus ataques.» — *Ibid.*, pág. 381.

Jesus viveu em total dependência de Seu Pai. Sua vida de devoção pessoal diária estava firmada na oração e no exame das Escrituras. Não usou Seu poder inerente. Contudo, eu vim com o meu pequeno Volkswagen e pensei que tinha algo sobre que me apoiar. Que ironia! Que loucura! Mas, que convite para uma significativa relação salvadora com Jesus!

Ao estudarmos a vida terrena de Jesus vemos que o poder que Ele possuía está ao alcance de todo aquele que buscar conhecê-lo. «Os inexauríveis depósitos celestes acham-se à sua [nossa] disposição ... Mediante a cooperação com Cristo, tornam-se [tornamo-nos] perfeitos n'Ele, e em sua [nossa] fraqueza humana são [somos] habilitados a praticar as obras da Omnipotência.» — *Obreiros Evangélicos*, pág. 112.

Perguntas para Discussão

Teve Jesus qualquer vantagem sobre nós?

Que significa «Em tudo foi tentado como nós»? Televisão? Carros sport?

Não estabeleceu Jesus os Seus próprios planos? (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 479).

Foi a ressurreição de Lázaro prova evidente da divindade inerente de Jesus?

É possível para nós sermos divinos como Jesus o era? (2 Ped. 1:4).

Qual é mais fácil, tornar-se ou manter-se cristão?

Que queria Jesus dizer com estas palavras: «Não há senão um só, que é Deus?» (Mat. 19:17).

Pode Jesus viver uma vida sem pecado? Pode Jesus viver a Sua vida em mim?

AJUDA-ME A ORAR

Senhor, ajuda-me a orar,
A orar frequentemente,
Quando sinto vontade de chorar
E quando estou contente.

Senhor, ajuda-me a orar;
De Ti eu necessito.
Quando a vida pareça fracassar,
Que eu veja o Infinito.

Senhor, ajuda-me a orar;
Eu quero orar agora,
P'ra contigo poder desabafar
As máguas desta hora.

Senhor, ajuda-me a orar,
P'ra dar-Te acção de graça.
Só, agora, Teu nome hei-de exaltar;
O resto... tudo passa.

Meu Deus, no Teu divino amor
Eu quero confiar;
Tão-somente, suplico: Meu Senhor,
Ajuda-me a orar!